

**ROSELI PEREIRA CORRÊA DE LIMA E MOURA**

**REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES SOBRE A PESQUISA ACADÊMICA  
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como requisito  
parcial para obtenção do título de mestre  
em Ciências da Religião

Orientador: Prof. Dr. Antonio Maspoli de Araújo Gomes

São Paulo

2013

1.

M929r Moura, Roseli Pereira Corrêa de Lima e

Reflexões interdisciplinares sobre a pesquisa acadêmica  
em

ciências da religião no Brasil / Roseli Pereira Corrêa de Lima  
e

Moura – 2013.

105 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Maspoli de Araujo Gomes

Bibliografia: f. 103-105

1. Religião 2. Interdisciplinaridade 3. Epistemologia I. Título

**LC BL240.2**

**ROSELI PEREIRA CORRÊA DE LIMA E MOURA**

**Reflexões interdisciplinares sobre a pesquisa acadêmica em Ciências da Religião  
no Brasil**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como requisito  
parcial para obtenção do título de mestre  
em Ciências da Religião

Aprovada em \_\_ / \_\_ / \_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antonio Maspoli de Araújo Gomes

---

Prof. Dr. Edson Pereira Lopes

---

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos

## **DEDICATÓRIA**

**HUGO ANIBAL COSTA DE LIMA E MOURA**

(marido, eterno e dedicado amigo)

## **AGRADECIMENTOS**

**ANTONIO MASPOLI DE ARAÚJO GOMES**

(professor, na batalha pelos alunos)

**CARLOS CHAVES FALOPPA**

**ALEXANDRE ANDRÉ B. A. DA COSTA**

(médicos, na luta pela vida)

## **EPIGRAFE**

Não sejas sábio aos teus próprios olhos.

Provérbios 3.7

## RESUMO

A cientificidade das Ciências da Religião passou por três momentos: a emergência da disciplina, a consolidação da sua autonomia disciplinar em nível acadêmico e a formação de seu campo disciplinar. Esse processo ocorreu sempre em ambiente polêmico de questionamentos, visto que a disciplina não atende integralmente os rígidos paradigmas cientificistas das Ciências Exatas quanto a objeto e método, bem como à relação de neutralidade entre sujeito e objeto. Há um novo panorama epistemológico no contexto científico, ditado pela teoria da interdisciplinaridade e pela teoria dos sistemas complexos, que põe no centro dos debates a aplicabilidade dos paradigmas cientificistas às Ciências Humanas, bem como a compartimentalização disciplinar resultante do excesso de especialização, necessária para o avanço da ciência, mas danosa em termos de visualização da unidade das ciências. Nesse novo contexto epistemológico, a proposta é a de interações e cooperações disciplinares, de pesquisa de objeto sob enfoque interdisciplinar, método compartilhado conforme as necessidades de cada pesquisa, relação de objetividade entre sujeito e objeto. Nesse panorama, as Ciências da Religião ficam alocadas no mapa das ciências como elemento integrante, no exercício de sua capacidade contributivo-tributária, na dinâmica das relações interdisciplinares e na amplitude temática, efetiva e potencial, de seu objeto. As pesquisas acadêmicas revelam que essa abordagem interdisciplinar já ocorre na prática, a despeito das polêmicas em nível teórico.

Palavras-chave: 1. Religião. 2. Interdisciplinaridade. 3. Epistemologia.

## **ABSTRACT**

The scientific character of Religious Studies has undergone three stages: the emergence of the discipline, the consolidation of its autonomy as such at an academic level, and the formation of its disciplinary field. This process occurred in a polemical environment marked by challenges, due to the fact that the discipline does not completely fulfill the strict scientificist demands of the Exact Sciences in regard to object and method, and also with reference to the neutrality of subject and object. There is now in the scientific context a new epistemological scenery, governed by the theory of interdisciplinarity and by the theory of complex systems, that places in the core of its discussions the applicability of scientificist standards to Human Sciences, as well as the disciplinary categorization resulting from excessive specialization, necessary for scientific progress but detrimental to a full view of the unity of sciences. In the present epistemological context, the proposed practice is disciplinary interaction and cooperation, research of the object under an interdisciplinary light, a shared method according to the needs of each research, and a relationship of objectivity between subject and object. In this scenery, Religious Studies are placed in the map of sciences as an integrative element, in the exercise of its tributary-contributive capacity, in the dynamics of interdisciplinary relations and in the thematic amplitude, effective and potential, of its object. Scholarly research offers evidence that, despite theoretical controversies, this interdisciplinary approach already occurs in practice.

Key words: 1. Religion. 2. Interdisciplinarity. 3. Epistemology.



## LISTA DE TABELAS

Nº	TÍTULO	Pág.
1	Confluências de disciplinas em relações interdisciplinares ou intertemáticas - CAPES	73
2	Confluências disciplinares entre as teses do banco de dados da CAPES (a partir de ótica externa) e as da UMESP (ótica interna)	94
3	Relação de temas das teses da UMESP	95
4	Teses da UMESP com articulações interdisciplinares	96
5	Teses da UMESP com articulações de metodologias de pesquisa – pesquisa de campo	97
6	Teses da UMESP por linhas de pesquisa	97
7	Teses da UMESP por linha de pesquisa no período de 2003 até 2009	98

## SUMÁRIO

	Pág.
<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1. O FATOR RELIGIOSO E A DISCIPLINA CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NO BRASIL</b>	19
1.1 OS ESTUDOS SOBRE RELIGIÃO NO BRASIL	20
1.2 EMERGÊNCIA DA IDENTIDADE ACADÊMICA: DISCIPLINA AUTÔNOMA	25
1.2.1 <b>Origens acadêmicas</b>	26
1.2.2 <b>A institucionalização</b>	29
1.3 DE DISCIPLINA AUTÔNOMA A CAMPO DISCIPLINAR	31
1.3.1 <b>A autonomia e a natureza complexa da disciplina</b>	32
1.3.2 <b>O perfil do campo disciplinar</b>	34
1.3.2.1 Religião e História: interações metodológicas	35
1.3.2.2 Religião e sociedade: interações funcionais	37
1.4 CONTRIBUIÇÕES DO CAPÍTULO 1	42
<b>2. CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES</b>	44-
2.1 MOMENTOS DA CIÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES	45
2.1.1 <b>Momentos históricos da ciência</b>	45
2.1.2 <b>Momento presente da ciência</b>	46
2.1.3 <b>Revitalização religiosa e as Ciências da Religião</b>	48
2.2 INTERDISCIPLINARIDADE E IMPLICAÇÕES PARADIGMÁTICAS	49
2.2.1 <b>Interdisciplinaridade e especialização</b>	52
2.2.2 <b>Relação sujeito-objeto: neutralidade x objetividade</b>	54
2.2.3 <b>Considerações metodológicas – Fenomenologia</b>	57
2.3 TEORIA GERAL DOS SISTEMAS E UNIDADE DAS CIÊNCIAS	60
2.3.1 <b>Práticas interdisciplinares</b>	64
2.4 CONTRIBUIÇÕES DO CAPÍTULO 2	66
2.5 CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NESSE PANORAMA EPISTEMOLÓGICO	67
<b>3. REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES SOBRE RELIGIÃO E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NA PESQUISA ACADÊMICA NO BRASIL</b>	70
3.1 O BANCO DE DADOS DA CAPES	71
3.1.1 <b>Relação de teses : Religião como dado estrutural de pesquisa</b>	74
3.1.2 <b>Relação de teses: Religião como dado tangencial à pesquisa</b>	81
3.2 O BANCO DE DADOS DA UMESP	84
3.3 REFLEXÕES SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NA PESQUISA ACADÊMICA	93
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	99
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	103

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa originou-se nos debates em torno da cientificidade das Ciências da Religião e os questionamentos acerca de sua autonomia disciplinar academicamente reconhecida como tal. As perguntas preliminares foram: as Ciências da Religião atendem os paradigmas de objeto e método? Em caso negativo, tais paradigmas adequam-se à disciplina na forma como estão postos? Como se aplica à disciplina o paradigma da neutralidade científica?

As buscas das respostas levaram à teoria da epistemologia da interdisciplinaridade e teoria dos sistemas complexos, inclusive quanto à relação sujeito-objeto.

As perguntas subsequentes foram: como as Ciências da Religião se relacionam com as demais disciplinas que tratam secundariamente do tema “religião”? As Ciências da Religião coletam os dados dessas pesquisas e contribuem para o desenvolvimento das mesmas? Como? De que áreas de conhecimento são tais disciplinas e como abordam o assunto? Quais são os pontos de inter-relacionamento entre elas e as Ciências da Religião?

Isto posto, chegou-se à questão de como as pesquisas acadêmicas em Ciências da Religião no Brasil, e os teóricos, têm tratado do tema da interdisciplinaridade como chave epistemológica.

Em *resumo*, esta pesquisa visa a apurar o atual *status* da pesquisa acadêmica em Ciências da Religião no Brasil, à luz da Teoria da Interdisciplinaridade. O texto está estruturado em três enfoques: (1) histórico, do desenvolvimento da disciplina; (2) teórico, com abordagem interdisciplinar; (3) da pesquisa acadêmica. Para tanto, assumem-se, para os fins desta pesquisa, os seguintes parâmetros de trabalho:

Primeiro: o da complementariedade da concepção das Ciências da Religião como disciplina autônoma (estudo do fenômeno religioso como objeto especializado, no exercício da competência teórico-metodológica da disciplina) e como campo disciplinar (estudo das ações da religião como objeto de interesse interdisciplinar, no exercício da competência tributário-contributiva da disciplina, aqui entendida como a dinâmica entre

a coleta e análise de dados e a resultante contribuição científica (FRANK UZARSKI, 2007, *passim*. MARCELO CAMURÇA, 2008, *passim*, no que se refere à constituição das Ciências da Religião como campo disciplinar).

Segundo: a articulação entre a pesquisa do núcleo do objeto especializado e a pesquisa do objeto sob o enfoque interdisciplinar, na produção acadêmica em Ciências da Religião, em suas relações sistêmicas interdisciplinares (OLGA POMBO, 2004, *passim*, quanto à abordagem sistêmica e interdisciplinar),

Terceiro: a epistemologia da interdisciplinaridade como a teoria de produção de conhecimento científico, no contexto das relações intra campo disciplinar e interdisciplinares.

Quarto: a teoria dos sistemas complexos como chave de leitura das relações interdisciplinares, particularmente das Ciências da Religião como campo disciplinar, em uma estrutura disciplinar em rede, não hierarquizada, e sua alocação no mapa das ciências assim concebido.

Quinto: a fenomenologia de estilo novo (KLAUS HOCK, 2010, p.88) como método hermenêutico que trabalha com a pesquisa de cosmovisões, as quais, por natureza, são afeitas aos mais diversos enfoques interdisciplinares.

A partir daí, buscam-se os seguintes *objetivos*:

- 1º) Refletir sobre as Ciências da Religião em suas *origens* rumo à autonomia disciplinar com seu objeto especializado, e sobre a constituição das Ciências da Religião como campo disciplinar, em que o objeto se articula com o enfoque interdisciplinar.
- 2º) Refletir sobre a *proposta teórica* da epistemologia da interdisciplinaridade e suas relações com a teoria dos sistemas, abarcando a dinâmica entre a competência teórico-metodológica e a competência tributário-contributiva das Ciências da Religião.
- 3º) Apurar e consolidar dados sobre a *produção acadêmica* dos Programas de Doutorado em Ciências da Religião no Brasil, com enfoque na articulação entre a pesquisa de seu objeto especializado (estudo do *fenômeno* religioso) e

a pesquisa do objeto sob o enfoque interdisciplinar (*funções* da religião), nas suas relações interdisciplinares no âmbito das Ciências Humanas, em uma visão sistêmica.

*As reflexões a seguir levam à definição do problema da pesquisa.*

A pesquisa tem como objeto a emergência da identidade disciplinar e metodológica das Ciências da Religião no Brasil, mediante apuração de dados e análise da produção acadêmica no Brasil, no período de 2001 a 2010, sob dois enfoques: enquanto disciplina autônoma e enquanto campo (inter)disciplinar, para empregar a expressão de Marcelo Camurça (2008, p.61).

As origens dos estudos acadêmicos sobre religião remontam a meados do século XIX, no chamado período Iluminista, com três períodos subsequentes: (1º) o período Positivista, no final do século XIX, com duas correntes, apologética do Cristianismo e cientificista do evolucionismo científico; (2º) o período da Dicotomia Epistemológica, no início do século XX, com as duas tradições interpretativas, a da explicação e a da compreensão; (3º) por fim, no final do século XX, o período da emergência do novo modelo epistemológico da interdisciplinaridade e das Ciências da Religião enquanto campo disciplinar. (GIOVANNI FILORAMO e CARLO PRANDI, 1999, p.5-12)

Durante todo esse desenvolvimento histórico, os estudos sobre religião, enquanto fenômeno do indivíduo e da sociedade, têm sido objeto de debates quanto à constituição, pelos referidos estudos, de uma disciplina autônoma, cientificamente reconhecida como tal. Trata-se do atendimento, ou não, dos paradigmas epistemológicos de objeto e método próprios e especializados. (CAMURÇA, 2008, *passim*)

Em contrapartida, verificou-se que, ao longo do século XX, desenvolveram-se debates a respeito da adequabilidade, ou não, às ciências humanas, dos paradigmas de objeto e método e da estrutura hierarquizada, conforme proposições das ciências exatas. Outro fato apurado foi o dos reclamos contra a compartimentalização das disciplinas, cada vez mais isoladas entre si devido à crescente especialização das mesmas, com a fragmentação da visão científica de mundo. (POMBO, 2004, p.29, 43-44, 71, 81, 86, 93, 131)

Há também debates quanto ao sujeito da pesquisa e sua neutralidade científica na apuração e interpretação dos dados de pesquisa em Ciências da Religião, sob os argumentos de que o sujeito que está dentro do universo religioso não tem tal isenção, enquanto quem está fora não tem a aproximação, do objeto de estudo, suficiente para uma apuração e interpretação de dados com aval científico. Quem responde é Hilton Japiassu, em *O mito da neutralidade científica* (JAPIASSU, 1981, *passim*).

Entretanto, o estado da arte, apurado por esta pesquisa e esboçado a seguir, aponta a emergência de novas teorizações atinentes ao próprio panorama epistemológico em tela. De fato, nesse ambiente surgiu a já citada reação denominada interdisciplinaridade. Primeiro, nas salas de aulas; depois, em nível de teoria pedagógica consolidada; por fim, e com um conceito de contornos ainda bastante indefinidos, em pesquisas e projetos multidisciplinares, tanto na Academia quanto no Labor. No encontro dessas duas águas, a dos paradigmas epistemológicos e a das relações interdisciplinares, levanta-se novo campo de teorizações acerca da própria interdisciplinaridade. Esta passa a ser discutida sob a hipótese de metodologia científica, em estrutura disciplinar em rede, à luz da teoria dos sistemas disciplinares complexos. (POMBO, *passim*). Camurça (p. ) a denomina de epistemologia da interdisciplinaridade.

Diante dessas considerações, o *problema* ficou assim definido: qual é o lugar das Ciências da Religião na produção acadêmica do conhecimento, à luz da teoria da interdisciplinaridade como chave epistemológica?

*Diante disso, formulam-se as seguintes hipóteses:*

- Primeira. As origens e o histórico de consolidação das Ciências da Religião revelam o desenvolvimento da disciplina em direção à sua própria autonomia e, passo seguinte, como campo disciplinar.
- Segunda. Há um novo panorama epistemológico interdisciplinar, que busca uma visão sistêmica e integralizadora dos saberes; essa visão abre novos horizontes de reflexão sobre a autonomia das Ciências da Religião, seus paradigmas e seu lugar em uma estrutura disciplinar em rede, à luz da teoria dos sistemas disciplinares complexos.

- Terceira. A pesquisa acadêmica dos Programas de Doutorado em Ciências da Religião no Brasil reflete o potencial tributário-contributivo da disciplina, em face das relações entre as pesquisas em Ciências da Religião e as pesquisas de outras áreas de conhecimento, que abrangem “religião” como tema secundário.

À luz dessas hipóteses, a *revisão da literatura*, que destaca as seguintes obras como fundamentais para a pesquisa:

BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria Geral dos Sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Tradução Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 2009. Título original: *General system theory: foundations, development, applications*.

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências sociais e ciências da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008. Trata sobre o estatuto epistemológico, a identidade acadêmica e contributos da disciplina, além da Antropologia da Religião e diferenças entre essa subdisciplina e a Sociologia da Religião.

DELATRE, Pierre. *Teoria dos Sistemas e Epistemologia*. Cadernos de Filosofia 2. Tradução José Afonso Furtado. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FILORAMO, Giovanni. PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999. Título original: *Le scienze delle religioni*.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2006.

HOCK, Klaus. *Introdução à ciência da religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

——— *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1981, 2ª ed.

TEIXEIRA, Faustino (org.) *A(s) ciências da religião no Brasil – afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

UZARSKI, Frank. *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

——— *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

*A justificativa e a relevância* da pesquisa envolvem a questão das relações entre duas competências das Ciências da Religião (POMBO, 2004, *passim*, a partir do conceito da dinâmica das relações interdisciplinares e integração dos saberes).

- Primeira: a competência teórico-metodológica para estudo de seu objeto especializado, assumindo-se, aqui, o pressuposto do núcleo do objeto como o do estudo do fenômeno religioso, mediante o método da fenomenologia.
- Segunda: a competência tributário-contributiva das Ciências da Religião enquanto campo disciplinar das Ciências Humanas, para estudo do objeto sob o enfoque de sua natureza interdisciplinar, qual seja, o das funções da religião.

*A justificativa e a novidade* de tal reflexão prendem-se a três abordagens de reflexão e pesquisa: (1) a das Ciências da Religião pensadas como campo interdisciplinar à luz das implicações dos sistemas complexos das Ciências Humanas, na estrutura disciplinar em rede e na dinâmica de suas articulações (POMBO, p.41-69); (2) a da articulação entre as competências teórico-metodológica e tributário-contributiva das Ciências da Religião; (3) a produção acadêmica em Ciências da Religião à luz da interdisciplinaridade como chave epistemológica.

*A relevância* desta reflexão deve-se à proposta de aferição da dinâmica da produção científica que envolve “religião” como objeto especializado e da produção científica que envolve “religião” como objeto interdisciplinar. Isso a partir da



interdisciplinaridade vista no âmbito da metodologia científica e seu impacto nas questões de objeto e método.

O *referencial teórico* é o da interdisciplinaridade como metodologia científica e como mecanismo de integração e de unificação dos saberes (POMBO, 2004, p. 161), em uma reflexão epistemológica sobre a unidade/especialização dos mesmos, tendo como base a teoria dos sistemas complexos.

Trata-se de um novo momento na história das relações cognitivas, o “*do contributo da interdisciplinaridade e da integração dos saberes*” como reação à excessiva especialização do *status quo* científico e acadêmico. A teoria acima exposta segue o pensamento e a obra de POMBO em *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. A autora é professora auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, com licenciatura, mestrado e doutoramento em filosofia. Os principais argumentos, que dão alicerce à teoria, são extraídos da obra citada (POMBO, 2004, *passim*).

Definidos, assim, os objetivos, o problema, as hipóteses e o referencial teórico, passa-se à *metodologia e delimitação* da pesquisa.

A metodologia do primeiro e segundo capítulos é a da pesquisa bibliográfica em acervo particular e pela internet. A metodologia do terceiro capítulo é a da pesquisa feita pela internet no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

A pesquisa no banco de teses da CAPES é feita, primeiro, mediante o critério de teses cujos programas não sejam de Ciências da Religião, mas que tenham “religião” como palavra-chave ou assunto de interesse no “resumo” do relatório da CAPES. São selecionadas 49 teses, pelo interesse e relevância de seus respectivos temas para os fins desta pesquisa e citadas como teses da CAPES para fins de simplificação do texto. Visa-se à apuração das áreas de conhecimento que tenham interesse no fenômeno religioso, por que razão e sob qual argumento.

Em segundo lugar, a pesquisa no banco de dados da CAPES elenca as teses do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Do total, são selecionadas 30, atendendo ao propósito da pesquisa de coletar dados significativos para reflexão, sem ser exaustiva. Aqui também as teses foram selecionadas pelo interesse e relevância de seus respectivos temas para os fins desta pesquisa. A quantidade total de teses selecionadas em cada grupo diverge, pois é feita comparação temática, e não quantitativo-percentual

O objetivo é verificar as áreas em que há confluência disciplinar, bem como os campos em aberto, tendo como referência principal o espectro disciplinar das Ciências da Religião, mas não se restringindo a ele. Do cruzamento dessas informações busca-se apurar o potencial tributário e contributivo das Ciências da Religião, tanto já em exercício como a ser desenvolvido.

O detalhamento dos critérios é feito como segue.

A pesquisa abrange desde o início do período em que há registros, na CAPES, de produção científica nessa área, até 2009, ano em que foi feita esta pesquisa. A UMESP foi selecionada: primeiro, pelo programa em nível de doutorado, devido à novidade e ao ineditismo próprios das teses, que refletem a produção científica do respectivo programa. Segundo, dada a especificidade do programa da UMESP, voltado à fenomenologia, mas sem excluir temas interdisciplinares.

Os resultados são submetidos a uma análise quantitativa, não percentual, respondendo aos seguintes critérios:

- 1º) áreas de conhecimento/disciplinas abrangidas pelas teses da CAPES, para apurar as áreas onde estão ocorrendo interações com o tema “religião”, a partir das demais áreas de conhecimento;
- 2º) áreas de conhecimento/disciplinas abrangidas pelas articulações interdisciplinares das teses da UMESP, em suas pesquisas, para comparar as confluências interdisciplinares entre os dados da CAPES e os da UMESP, visualizando-se os efetivos e os potenciais campos de desenvolvimento de relações interdisciplinares;

3º) incidências temáticas e de linhas de pesquisa, bem como articulações interdisciplinares e de metodologias de pesquisa, da UMESP, a fim de apurar as interações disciplinares já em curso, na UMESP.

Isto posto, a *temática dos capítulos está estruturada como segue.*

*Primeiro capítulo: história.2003,*

O primeiro capítulo discorre sobre o histórico dos programas de Ciências da Religião. Frank Uzarski (2006, p.15) dá conta da fase formativa da Ciência da Religião academicamente institucionalizada e da consolidação de sua forma paradigmática. Interessantes, também, os comentários sobre os antecedentes históricos, que ele identifica como “um saber sobre religiões” e sobre o fato de que, em âmbito internacional, as Ciências da Religião assumiram condições acadêmicas nacionais. Marcelo Camurça (*passim*) traça os contornos da fase de consolidação das Ciências da Religião como campo (interdisciplinar). Neste ponto, a pesquisa volta a Uzarski (2006), para fins de se delinear o panorama das disciplinas que já compõem o campo disciplinar das Ciências da Religião.

*Segundo capítulo: teorização.*

A partir dessas considerações, passa-se aos debates sobre Ciências da Religião como disciplina autônoma, mediante os seguintes temas: os paradigmas epistemológicos: objeto e método; os determinantes paradigmáticos e estruturais das ciências exatas; a especialização e compartimentalização das disciplinas: benefícios e problemas; a interdisciplinaridade (1) como reação na escola e (2) sua consolidação teórica; a interdisciplinaridade nos projetos acadêmicos; os sistemas complexos e a estrutura em rede; a relação sujeito-objeto; a epistemologia da interdisciplinaridade como novo horizonte de teorização; as Ciências da Religião nos sistemas complexos e na estrutura em rede.

*Terceiro capítulo: prática acadêmica.*

A apuração, na prática acadêmica, de elementos para reflexão sobre o perfil paradigmático, sistêmico e integralizador, das Ciências da Religião, à luz de suas

relações interdisciplinares no campo das Ciências Humanas, tanto como disciplina autônoma, quanto como campo disciplinar, e sua capacidade tributário-contributiva, à luz da reflexão sobre a epistemologia da interdisciplinaridade.

## 1. O FATOR RELIGIOSO E A DISCIPLINA CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Érico Veríssimo, na monumental trilogia *O Tempo e o Vento*, narra fatos, circunstâncias e personagens da história política do Brasil, a partir da visão local do Rio Grande do Sul, desde o século XVIII até meados do século XX. E o faz indiretamente, tendo como foco da narrativa a família ficcional dos Terra-Cambará. Os fatores culturais da tradição gaúcha têm forte presença na obra, destacados por meio de símbolos que se perpetuam ao longo da saga familiar; dentre eles, o Sobrado (família, clã), um punhal (guerras e revoluções) e um crucifixo (religiosidade). Os três elementos se unem sempre que os homens vão à luta, em defesa de seus ideais e posições políticas, enquanto as mulheres, geração após geração, esperam o retorno deles com resignação, cuidando da casa e da família, e dirigindo-se àquele crucifixo para interceder pela vida e integridade física dos mesmos.

Esse é um testemunho literário da força da religião nas estruturas da mentalidade, cultura e instituições humanas. Staël Gontijo (2012, p.36) também tem o que dizer nesse sentido, desta feita sobre a Vila Rica do século XVIII, atual Ouro Preto, Minas Gerais; no romance *Marília de Dirceu*, baseado na biografia da referida personagem histórica, de autoria de Alexandre Ibañez, consta que *a religião influenciava desde as decisões mais simples da Colônia até as mais importantes*. Relevante também a ilustração de capa, da revista *Veja São Paulo*, encarte da revista *Veja*, edição de 08/07/2012, a propósito da matéria intitulada “Como educar filhos”. Trata-se de um desenho de autoria de Oscar Kfoury, de 13 anos, a convite da revista: o desenho é o de um menino com diversas coisas na “tampa” do cérebro, tais como casa, livro escolar, notas musicais, árvore, bola de futebol e, em destaque pelo tamanho duas vezes maior do que os demais, uma cruz vazia.

De fato, a religião aflora como um dos grandes temas de investigação histórica, filosófica, teológica e científica, ao longo dos séculos, desde a Antiguidade Clássica. Apresenta-se como tema *sine qua non* para conhecimento dos povos em suas mais diversas expressões civilizatórias. Olga de Sá (2003, p.109) afirma que a religião “é um

dos universais da cultura, ao lado das expressões artísticas, das relações de parentesco e da linguagem”. As reflexões a seguir, acerca dos estudos sobre religião e sobre suas ações e funções frente ao indivíduo e à sociedade, mostram que esse é um assunto que não pode ser ignorado por quem pretende conhecer homem e sociedade, mais e melhor, independentemente da confissão de fé do pesquisador ou estudioso.

### 1.1 OS ESTUDOS SOBRE RELIGIÃO NO BRASIL

A busca pelo saber dos percursos sócio-histórico-filosóficos da humanidade abrange os estudos sobre religião e assume caráter científico e metodológico até pela forte tessitura das relações indivíduo-sociais e os perfis civilizatórios de cada época e sítio histórico. E o registro desses percursos vem desde os cultos circunscritos aos clãs familiares e as conexões “entre as relações sociais internas ao clã e o fenômeno religioso” (STEFANO MARTELLI, 1995, p.47, comentando Durkheim), até as religiões nacionais e universais (MAURÍLIO ADRIANI, 1988, p. 43, 79 e *passim*). No âmbito das religiões nacionais e universais, toma vulto a Cristandade, entendida como “o domínio cristão do Ocidente sob o papado, durante a Idade Média”, como uma síntese de cunho universal (H. J. BLACKHAM, 1967, p.35). Essa trilha histórica universalista da Cristandade termina por desembocar, ao fim e ao cabo, na religiosidade multifacetada de forte cunho individualista da pós-modernidade, em que a religião passa a ser “vista apenas como uma reserva de símbolos e significados à disposição do indivíduo, cuja eficácia é [...] limitada à esfera privada ou a grupos pequenos” (MARTELLI, 1995, p.19).

As circunstâncias mais diretamente relacionadas ao tema aqui desenvolvido são meramente *elencadas* a seguir, pois cada uma delas mereceria uma pesquisa em particular, o que este trabalho não comporta; entretanto precisam ser referidas com o fim de ressaltar os inúmeros fatores que contribuíram para a formação das Ciências da Religião como disciplina autônoma de natureza interdisciplinar. A bibliografia citada esclarece e aprofunda essas informações.

Os estudos sobre religião, ou, “um *saber sobre religiões* já era comprovado desde a antiguidade grega” (USARSKI, 2006, p.15, grifo no original). Mircea Eliade (2008, p.3) informa que tal *saber* aflorou especialmente a partir do século V a.C..

Jorge Bertolaso Stela (1970, p.63-4) comenta que gregos e romanos desenvolveram trabalho de confronto entre várias religiões. Diz que o material foi

acrescido de outras religiões, como as da Ásia Menor, descobertas por viajantes como Hecateo de Mileto, século V a.C., Heródoto, no século IV a.C. e Alexandre, com sua incursão na Índia. Comenta também que os orientais estimularam a curiosidade religiosa dos gregos, com suas doutrinas e mitos antiquíssimos. Reportando-se a Pinard de la Boullaye, o autor destaca a classificação do estudo das religiões, pelos gregos, em três períodos: (1) o mítico-poético, com a coleção de mitos de Homero e Hesíodo; (2) o filosófico, com as reflexões acerca da verdade ou falsidade da religião, por filósofos como Tales, Heráclito, Pitágoras, Platão e Aristóteles; (3) o pragmático, da crítica e do ceticismo epicurista com foco na moral, ascese e disciplina, e do estoicismo, voltado ao *logos* como princípio ativo do mundo.

Eliade (2008, p.3-13) comenta algumas correntes de pensamento, com perfil de atividade científica, compatibilizada com o espírito de cada época histórica, que se formaram desde a Antiguidade até o século XX, sob o enfoque de teorias e métodos de interpretação. As que são elencadas a seguir o são com o propósito de compor um panorama dos contextos em que se desenvolveram os estudos sobre religião ao longo dos séculos. Esses relatos mostram que, longe de serem insípidos, os estudos sobre religião foram sempre dinâmicos, relevantes e diversificados; não se trata de “moda” recente; das etapas destacadas, verifica-se ainda como os estudos foram “amadurecendo” até constituírem a atual disciplina Ciências da Religião.

Na *Antiguidade Clássica*, Eliade (2008, p.3-13) aponta o emprego de três métodos críticos e um alegórico como indicadores dessa diversidade de pensamentos: (1) a *crítica filosófica* da religião tradicional, de Heródoto, século V a.C.; (2) a *crítica racionalista* da religião, com os trabalhos, por exemplo, de Demócrito, séculos V-IV a.C., interessado por religiões estrangeiras com as quais teve contato em suas viagens; Platão, séculos V-IV a.C., que empregava em sua obra comparações entre religiões; Aristóteles, século IV a.C., com a teoria da degenerescência religiosa da humanidade; Teofrasto, séculos IV-III a.C., considerado o primeiro historiador grego das religiões; (3) a *crítica radical* da religião, da qual cite-se obra de Epicuro, séculos IV-III a.C.; (4) o método alegórico dos estoicos, no final do período antigo, como Evêmero, séculos IV-III a.C., e a interpretação pseudo-histórica da mitologia.

Blackham, em *A religião numa sociedade moderna*, diz que as escolas gregas de pensamento, “se desenvolveram por reflexão crítica sobre a mitologia e a tradição religiosa, [...] das quais as mais influentes [...] foram o estoicismo e o neoplatonismo”. Tais escolas tinham “uma visão terapêutica do homem”: ignorância era patologia;

educação era a cura. Era, pois, “a procura pessoal da perfeição, através de uma vida dedicada aos estudos”. Plutarco, representante da crítica filosófica da religião, defende “uma síntese cultural para o bem de um ideal moral de vida”, bem como “uma seleção literária e de todas as religiões, julgadas pela razão e pelos valores morais”. O Helenismo “significava a religião da cultura”, enquanto a “*Romanitas* significava a religião do patriotismo”. A religião cultural, de abordagem evidentemente antropológica, teria como mola mestra a razão. (BLACKHAM, 1967, p.18)

Voltando a Eliade (2008, p.3-13), ele comenta, a respeito do período romano, que a “difusão dos cultos orientais e das religiões dos mistérios no Império Romano, e o sincretismo religioso que daí resultou [...] favoreceu [...] as investigações sobre as antiguidades religiosas de diversos países”; afirma ele, ainda, que “o neopitagorismo e o neoplatonismo efeturaram [...] a revalorização da exegese espiritualista dos mitos e dos ritos”. A “reação pagã”, por sua vez, contra os apologistas cristãos na defesa da origem sobrenatural do Cristianismo, teve como teor e voz, por exemplo, o “sofista Filostrato (c.175-149)”, que compara “as concepções religiosas dos indianos, dos gregos e dos egípcios”, propondo “um ideal de religiosidade pagã e de tolerância”. Interessante destacar como, dos embates de civilizações, afloram elementos diversos de atividade apologética.

No contexto religioso da *Idade Média*, sob o predomínio centralizador da Cristandade no Ocidente, “o interesse pelas religiões estrangeiras [...] foi suscitado [...] pelo confronto com o Islã”; a “aparicação dos mongóis na Ásia Menor e [a hostilidade da Igreja Católica Romana] em relação aos árabes” levou “os papas a enviarem missionários a fim de se informarem das religiões e dos costumes desse povo”. Os estudiosos judeus também marcaram forte presença, com estudiosos como Saadia, (c.933), que publicou uma obra em que expõe “as religiões dos brâmanes, cristãos e muçulmanos integrada a uma filosofia religiosa”, e “Maimônides (1135-1204), que empreendeu um estudo comparativo das religiões”. (ELIADE, 2008, p.3-13). Cabe lembrar que, nesse período histórico, predominava a questão das relações de submissão, ou não, do Estado à Igreja, e o forte poder político da Igreja de Roma; a partir disso, é decorrente vislumbrar como novos conhecimentos de culturas e religiões de outros povos imiscuíam-se nos assuntos de interesse de Estado.

Já no berço do *Renascimento*, verifica-se como os estudos foram dirigidos pelos rumos da história, pois as profundas transformações então geradas acarretaram mudança de postura nas pesquisas e nos estudos sobre religião. Foram particularmente as

“descobertas geográficas dos séculos XV e XVI [... que ] abriram novos horizontes ao conhecimento do homem religioso”, pelo que as “narrativas dos primeiros exploradores foram reunidas em “coletâneas de viagens””. Eliade observa que partiu dos humanistas (e não dos apologetas monoteístas, diga-se) a suposição da existência de uma tradição comum a todas as religiões. Em 1520 apareceu a “primeira história geral das religiões”, de autoria de “Jean Boem, da ordem teutônica”, que descrevia “as crenças da África, da Ásia e da Europa”.

Na *Idade Moderna*, pode-se arriscar dizer que os embriões de uma comunicação globalizada encontram-se na forma como os estudos tiveram sequência com fontes de dados apurados por religiosos e viajantes em geral, ou seja, mediante intercomunicações culturais. No final do século XVII, por exemplo, “os missionários jesuítas no Canadá” forneceram para a Europa “descrições detalhadas e preciosas sobre as culturas e as religiões dos iroqueses”, material esse a respeito do qual desenvolveram-se amplos debates ao longo do século XVIII. No final do século XVIII, as incursões de missionários, exploradores e navegadores haviam trazido suas descobertas culturais, alcançadas mediante “o conhecimento das sociedades extra-européias” (GIOVANNI FILORAMO E CARLO PRANDI, 1999, p. 253-4 conforme grafia no original)

Blackham (1967, p.47-67), tecendo considerações sobre o *status* da religião na sociedade moderna, principalmente quanto aos séculos XVIII e XIX, aponta como, nessa época, levantou-se o debate sobre religião e ciência deverem, ou não, imiscuir-se no campo de aplicabilidade, uma da outra. Blackham diz que, no Ocidente, “a síntese medieval foi dissolvida pela Renascença, pela Reforma e pela emergência das nações modernas”. Pensava-se então “em termos de ciências naturais: razão e natureza, uma síntese das leis divinas, morais e físicas”, de tal modo que a “razão eclipsou a revelação”. O século XVIII, por exemplo, trouxe à luz uma reação de filósofos contra as mudanças geradas pelo pensamento da Reforma. Blackham (1967, p.48) cita Saint-Simon e Comte, dizendo que ambos “sustentavam que liberdade de pensamento e igualdade de poder político (a soberania do povo) eram princípios desastrosos provenientes da Reforma”, fazendo-se necessária uma reorganização social em bases científicas.

No século XIX as dimensões da religião assumiram novo feito, revelando como o campo de conhecimento “religião”, começou a assumir identidade de objeto próprio. A religião passou a ser “essencialmente a consagração da sociedade, suas bases, ordem e metas”. Defendia-se a ideia de uma sociedade “organizada para o bem dos pobres”. A



“ciência havia tomado o lugar da teologia e não mais se destinava ao conhecimento de Deus, mas apenas ao bem-estar humano”; de fato, o “espírito religioso” exprimia-se pelo seu objeto de devoção religiosa, que “era a humanidade”. Defendia-se também “a base secular da sociedade”. (BLACKHAM, 1967, p.49-50)

Assomou então a contraposição entre religião e secularização. Stefano Martelli (1995, p.422), reportando-se ao nexos, vislumbrado por G. Vattimo, “entre modernidade, secularização e valor do novo”, destaca três aspectos que caracterizaram tal nexos: o “abandono da visão sacra da existência”, a “fé no progresso”, com a eliminação progressiva de “todos os aspectos transcendentos”, e a “visão providencialista da História”. Ele comenta também a ambivalência no conceito de secularização elaborado pela Modernidade, apresentando-a, por um lado, como dessacralização e “racionalização” e, por outro, como “ressacralização e mitização do profano (o progresso)”, concomitantemente.

Tantos elementos componentes desse mosaico de estudos levaram, no século XIX, a nascentes abordagens interdisciplinares. A “história das religiões atingiu seu verdadeiro impulso com F. Max Müller (1823-1900)” (considerado o fundador da história das religiões, segundo Filoramo e Prandi, 1999, p.7-8), que estudou mitologias naturalistas. “Durante a primeira metade do século XIX” surgiram algumas correntes, dentre as quais a de “Emile Durkheim (1858-1917)”, que “julgava ter encontrado no totemismo a explicação sociológica da religião”. Lucien Lévy-Bruhl, por sua vez, tentou provar que o “comportamento religioso se explicaria pela mentalidade pré-lógica dos primitivos”. Alguns etnólogos contribuíram com a história das religiões, ao tentar “fazer de sua disciplina uma ciência histórica; dentre eles, Wilhelm Schmidt, na Europa”, e “a escola americana de Franz Boas”. Por outro lado, “Wilhelm Wundt (1832-1920), William James (1842-1910) e Sigmund Freud (1856-1939) propuseram explicações psicológicas da religião”. Finalmente, Gerard van der Leeuw (1890-1950) “foi o primeiro representante autorizado da fenomenologia da religião”. (ELIADE, 2008, p.3-13)

Na *sociedade pós-moderna*, os debates sobre secularização na década de 1960, e sobre o despertar religioso na década de 1970 (MARTELLI, 1995, p.415), trazem elementos esclarecedores sobre o ambiente cultural do pós-modernismo. Esse autor às páginas 28 dessa mesma obra, defende que é preciso pensar “de modo pós-positivista”, pois, no Ocidente, onde impera a “secularização como racionalização que tudo permeia”, há “fenômenos significativos de uma nova relevância social da religião”; por

esse motivo, diz o autor, impõe-se o estudo e a aceitação do “fenômeno religioso em sua complexidade e em suas potencialidades”.

Martelli comenta o “eclipse da secularização”, ocorrido na década de 1980, no bojo da “mudança do quadro sociocultural geral”, em lugar do “eclipse do sagrado” que havia sido prognosticado na década de 1960, com “as novas formas de religiosidade centradas na sacralização do indivíduo”. E completa, afirmando que “a tese da superação da religião por causa do progresso científico é fruto de uma teoria da ciência, que não se sustenta à luz da reflexão epistemológica do século XX”. Ele defende, também, que a dessecularização implica “a redescoberta, seletiva e interpretativa, da religião institucional” e que “a crítica eclesial à racionalidade moderna [...] assume as características de uma “contra-utopia”, capaz de oferecer [...] uma perspectiva ideal” e “uma estrutura organizativa” (MARTELLI, 1995, p.433, 92, 41, 435, 455-6, grifo no original).

No curso desse desenvolvimento, não é demais repetir, os estudos sobre religião foram paulatinamente assumindo parâmetros acadêmicos, que a floraram pela própria e forte presença da religião na vida humana, desde sempre. Usarski (2006, p.15), diz que foi um processo que se deu “no decorrer dos séculos” e “extraordinariamente complexo e diferenciado”. A emergência dessa identidade acadêmica, institucionalizada, é o que se verá a seguir.

## 1.2 EMERGÊNCIA DA IDENTIDADE ACADÊMICA: DISCIPLINA AUTÔNOMA

Os primórdios do que veio a ser a disciplina acadêmica em tela remontam, segundo Filoramo e Prandi (1999, p.24), a Durkheim, Weber, Freud e James, os quais resolveram oferecer uma resposta ao problema que eles identificaram como o declínio da religião, aplicando, para tanto, “os métodos por eles descobertos à interpretação do fato religioso”. Aqui, assomam as origens do objeto especializado, cientificamente reconhecido como tal. Desse modo, a religião tornou-se objeto de pesquisa de cunho eminentemente científico, ou, “meio privilegiado [...] através do qual [esses pensadores] colocaram à prova a validade de suas teorias e métodos”. A partir daí, os estudos sobre religião foram passo-a-passo assumindo os contornos do que Marcelo Camurça (p.10) chama de “identidade acadêmica” da disciplina; alguns dos elementos que embasaram

essa emergência de identidade acadêmica são particularmente relevantes para estas reflexões.

### 1.2.1 Origens acadêmicas

*Período da Cristandade, pré-Reforma* – Usarski (2006, p.18) reporta-se a Otto Brunner para comentar o desenvolvimento, na altura do século XII, de duas subculturas, a dos clérigos e a dos leigos intelectuais. A primeira caracterizou-se pela ausência de consciência histórica, a qual “teria destruído a sua cosmovisão fechada e desafiado sua identificação do fluxo do tempo na terra com o processo sucessivo de salvação”. A segunda subcultura, a dos leigos intelectuais, caracterizou-se pela emancipação da cultura clerical, o que deu origem a uma história das religiões “de cunho secular”.

*Período da Cristandade, pós-Reforma* – do período do final do século XVI até a primeira metade do século XIX, destaca-se a obra de Johann Gottfried Herder (1744-1803) que, na contramão de pensadores como Hobbes, Hume, Rousseau e Kant, “foi o primeiro a reconhecer a importância de um estudo histórico delas [as religiões históricas] para a própria filosofia”. Seu trabalho antecedeu em “cerca de 100 anos” a “inauguração da primeira cátedra em Ciência da Religião”. Friedrich Schleiermacher, em obra publicada em 1798, viria a criticar “o foco do Iluminismo nas funções externas das religiões concretas”, localizando “a verdadeira fonte da religião no interior do homem, ou seja, na sua psique” (USARSKI, 2006, p.19-20).

*Período Iluminista de meados do século XIX*. É da metade do século XIX a primeira etapa da emergência da disciplina, como “história das religiões”, em meio ao “processo de ramificação das ciências naturais e das ciências humanas”. As ciências humanas, “produto do Iluminismo”, “adquiriram autonomia científica e dignidade acadêmica”, aflorando como ramo do conhecimento científico, nesse período histórico de transformações, do Ocidente, devido a elementos tais como a revolução industrial e às conquistas coloniais (FILORAMO e PRANDI, 1999, p. 23-24, 6-7), e que Usarski, citando Günter Lanczkowski, reporta como tempos de exploração geográfica, que propiciaram uma como que “globalização” econômica, técnica e política (UZARSKI, 2006, p.20).

De fato, como já visto, as conquistas coloniais tinham levado a Europa a um confronto cultural e religioso entre as tradições cristãs e as tradições dos povos alcançados por missionários e viajantes em geral, como relatam (FILORAMO e

PRANDI, 1999, p.6-7), o que, segundo Hans-Jürgen Greschat (2005, p.52), fez da Ciência da Religião, em seu início, “uma ciência de textos”. Esses fatos ensejaram o surgimento da disciplina “história das religiões”, no âmbito acadêmico, mediante os parâmetros de um estudo comparado “das diferentes tradições religiosas então conhecidas”, com o objetivo de “reconstruir a história da evolução religiosa da humanidade”. O conhecimento científico das religiões buscava integrar as contribuições sobre esse tema, a partir de diversas disciplinas, tais como linguística, antropologia cultural, psicologia e sociologia. Filoramo e Prandi acrescentam:

Nasceu, assim, a ciência da religião, que, naqueles tempos iniciais, confusos e contraditórios, teve de pagar um tributo excessivo às chamadas “velhas mães” — a teologia e a filosofia —, às quais se creditava, junto com o progresso científico, a própria origem. (grifos no original)

Tratava-se do estudo e interpretação “dos fatos religiosos metodologicamente novos, visando à integração e aprofundamento dos conhecimentos históricos” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.7). A disciplina, portanto, foi gerada em um berço estruturalmente interdisciplinar.

*Período Positivista – final do século XIX.* Caracterizado pelo predomínio da apologética e do cientificismo, esse período atribuiu à disciplina a função de “demonstrar a superioridade do cristianismo sobre as demais religiões” segundo a corrente de pensamento liderada por Max Müller. A metodologia, neste caso, fundava-se na “comparação com os dados oferecidos pelas diversas disciplinas”. Outros autores buscavam demonstrar a “não-essencialidade” da religião, “numa perspectiva tipicamente cientificista”, posições essas “filhas do positivismo e do evolucionismo científico”, visando à apuração de um “paradigma de cientificidade subjacente às várias disciplinas em jogo, capaz de fundamentar e garantir criticamente os próprios resultados”. (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.7-8)

*A dicotomia epistemológica – início do século XX.* “O período dos pioneiros encerrou-se por volta dos anos 30”. O início do século XX trouxe à luz, com a “crise do positivismo”, “o problema epistemológico básico das ciências das religiões — constituído pela alternativa “*explicar ou compreender a religião*””. A premissa da qual a tradição interpretativa da *explicação* partiu foi a da religião como manifestação antropológica e histórica, sujeita aos métodos da pesquisa empírica (pressupõe objeto com estrutura própria, em que o dado religioso pode ser decomposto em dados elementares subjacentes), sob a condição da confiabilidade do intérprete (entendida

como a postura científica de imparcialidade, neutralidade, objetividade), mediante eliminação de sua própria subjetividade e de suas escolhas de valor. A tradição interpretativa da *compreensão*, por seu turno, partindo do pressuposto da autonomia absoluta da religião, propôs-se a buscar a “essência mesma do fenômeno religioso”, a “experiência religiosa vivida”; essa corrente deu origem à “fenomenologia compreensiva da religião”; de acordo com esse entendimento, o pesquisador não deve assumir posição neutra, devendo estar envolvido “num plano de co-participação vivida no e com o seu objeto de estudo”; aponta para a necessidade de “método especial que corrija e supere os limites intrínsecos à explicação de tipo científico”, visando a captar o núcleo da experiência vivida” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.24, 8-10, grifos no original)

Faustino Teixeira (p.141), sem entrar no mérito das duas correntes metodológicas, ressalta, nesse período de formação dos estudos sobre religião, a busca de se “definir a essência ou, pelo menos, os grandes princípios da religião, para depois [se] tentar entender as variadas manifestações do *sagrado* na sociedade”. E aqui surge um interessante mecanismo de articulação entre o núcleo da disciplina e suas relações interdisciplinares, visto que as variadas manifestações do sagrado permitem pesquisa e análise sob os mais variados filtros disciplinares, tema a ser retomado no capítulo dois, adiante.

*A integração interdisciplinar.* A discussão sobre a cientificidade da disciplina alcançou um novo patamar, no qual a dicotomia acima referida tem sido “progressivamente substituída por um modelo de integração baseado [...] na necessidade de um pluralismo metodológico”, levando em conta “os aspectos “subjetivos” da pesquisa”. Um dos elementos dessa mudança é a discussão sobre a aplicabilidade dos paradigmas tradicionais das ciências da natureza, a qual gira “em torno da dificuldade, se não da impossibilidade, de [se] definir *um* modelo científico, em função de *um* modelo de ciência; as ciências humanas, por sua vez, “embora articuladas e diferenciadas em seu interior”, são unidas por alguns elementos de fundo que revelam interrelações com as disciplinas da natureza”. (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.10-11).

*O novo modelo epistemológico – final do século XX* – Filoramo e Prandi (1999, p.15) reportam um debate metodológico internacional sobre as Ciências da Religião, querendo “privilegiar novos eixos interpretativos”. Pombo identifica três momentos na história das relações cognitivas, sendo, o primeiro, o sincrético, anterior à ciência; o segundo, o da especialização; e, o terceiro, emergente, “*o do contributo da*

*interdisciplinaridade e da integração dos saberes*”. Segundo ela, trata-se de “um novo momento das relações cognitivas do homem com o mundo”, uma “transformação epistemológica”. Trata-se da ocorrência, no âmbito das relações interdisciplinares, do fenômeno “da transferência dos dispositivos de unidade do conhecimento, da esfera dos objetos, das teorias, dos paradigmas ou dos métodos, para a das práticas” (POMBO, 2004, p.19, 20, 153; grifo no original). O elemento novo aqui é o das práticas identificadas como unidades de conhecimento.

### **1.2.2 A institucionalização**

Cátedras, teorias, periódicos, publicações paradigmáticas e congressos apontam o avanço da institucionalização da disciplina. A expressão “Ciência da Religião”, segundo Camurça (2008, p.21), “foi cunhada na segunda metade do século XIX para destacar a emancipação das Ciências Humanas em relação à Filosofia e à Teologia [...] no tratamento dos fenômenos religiosos”.

O período de 1873 a 1924 constitui, segundo Uzarski (2006, p.26), a fase de formação da disciplina, sob a forma institucionalizada, o que se deu inicialmente sob a identidade disciplinar de História das Religiões. A instalação da primeira cátedra em História das Religiões deu-se em 1873, na Universidade de Genebra. Seguiram-se as da França, Itália, Bélgica, Suécia, Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Noruega.

Uma dessas cátedras merece destaque como exemplo de fontes “espontâneas” de conhecimento emergindo da dinâmica social. Trata-se da “primeira cátedra de história comparada da religião” na Inglaterra de 1904; o professor chamava-se Thomas William Rhys Davids, formado em sânscrito e com grau de mestre pela Universidade de Breslau; ele havia sido funcionário no Sri Lanka, onde teve acesso a um texto na língua páli, enquanto “presidia um tribunal sobre determinado caso”; como se tratava de um documento de prova, mas ninguém era capaz de lê-lo, Davids buscou um professor e aprendeu não somente a língua, como também sobre a religião do respectivo povo. Em 1878, catorze anos depois de chegar ao Sri Lanka, ele deu início às suas publicações, começando com um livro sobre o budismo, seguido de obras compostas a partir de palestras e aulas, além de textos traduzidos do páli e um dicionário. “Em 1881 [...] fundou a [...] Sociedade de Textos Páli, que existe até hoje” (GRESCHAT, 2005, p.51-52)

Quanto aos teóricos, são considerados os fundadores da disciplina Ciência da Religião Cornelius Peter Tiele, da Universidade de Leyden, “especialista em história da religião da Babilônia e do Egito” e que “apresentava em sua obra [...], diferentemente de Max Müller, aversão a especulações filosóficas; Daniel Chantepie de la Saussaye, da Universidade de Amsterdã, “supostamente “o verdadeiro fundador da fenomenologia da religião”” e que “exerceu influência internacional com seu *Manual da História da Religião*”; e, o já citado filólogo alemão Max Müller, de Oxford, autor dos *Sacred Books of the Earth* (UZARSKI, 2006, p.24,26, grifos no original). É da época e da obra de Max Müller a origem e diferenciação das fontes de pesquisa em religião, que Greschat classifica em textos sagrados, tradições orais, testemunhos pessoais e documentos históricos (UZARSKI, 2006, p.5-56).

Outros “indicadores para o progresso da disciplina no ambiente acadêmico” são periódicos, publicações paradigmáticas e congressos. O primeiro periódico dado como relevante por Usarski, “foi a *Revue de l’histoire des religions*, fundada em 1880, em Paris por Maurice Vernes”, cuja proposta era rejeitar, para publicação, qualquer material de teor dogmático. Outros três periódicos relevantes passaram a ser publicados em 1898, em Freiburg e na Escócia, em 1902; em 1905, Wilhelm Schmidt fundou “a revista *Anthropos*”. (USARSKI, 2006, p.27-28)

Quanto a publicações paradigmáticas, as três apontadas como mais relevantes do período são os *Sacred Books of the Earth*, de Max Müller; *Encyclopedia of Religion and Ethics*, em 13 volumes, publicados entre 1908 e 1923, por J. M. Hastings; *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, em cinco volumes, publicados entre 1900 e 1913 e “atualmente na sua quarta edição”. (USARSKI, 2006, p.27)

Por fim, a rotina de congressos estabeleceu-se na virada do século XIX para o século XX, havendo debates quanto ao primeiro ter sido o de 1897, em Estocolmo, ou o de 1900, em Paris. No começo do século XX houve três congressos: Basileia, 1904; Oxford, 1909; Leyden, 1912. (USARSKI, 2006, p.27-28)

No Brasil, Camurça (p.11, grifos no original) defende que a disciplina nasceu e se desenvolveu confrontada “com duas “linhas de força”, a saber, a Teologia e as Ciências Sociais”, as quais passaram a ser o “seu interlocutor principal na elaboração de uma plataforma para os estudos da religião no país”. Isto se deu principalmente no “contexto histórico das décadas de 1970 e 1980, quando a “teologia da Libertação” alcançou seu maior prestígio”. O resultado foi que:

Firmou-se como perfil das ciências da religião um estudo pautado por uma investigação empírica de cunho sociológico, aliada a uma reflexão teológica crítica em torno do papel da religião na *modernidade*.

No presente, Camurça (2008, p. 41, texto e NR nº3) aponta “a vitalidade acadêmica das Ciências da Religião” nos últimos anos, no Brasil, ao relacionar sete programas credenciados pela CAPES, dois em universidades federais, a saber, as de Juiz de Fora - UFJF/MG, e João Pessoa - UFPB; e cinco em universidades particulares, quais sejam, o da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, o da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, o da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO, o do Instituto Presbiterano Mackenzie - UMP/SP e o da Universidade Católica de Pernambuco – PUC/PE. A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão federal, do Ministério da Educação, informa, em 16/08/2012, a existência de mais três cursos, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG, na Universidade Estadual do Pará - UEPA e na Faculdade Unida de Vitória - FUV/ES. Afonso Maria Ligório Soares, no prefácio a Camurça aponta também a constituição da ANPTECRE – Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião e da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, ambas interlocutoras “junto à sociedade civil e, particularmente, ao Ministério da Educação”, buscando garantir visibilidade, afirmar legitimidade e evitar que as Ciências da Religião e a Teologia sejam “confundidas e/ou suprimidas de nosso panorama acadêmico” (SOARES, 2008, p.7).

### 1.3 DE DISCIPLINA AUTÔNOMA A CAMPO DISCIPLINAR

Trata-se de disciplina com ampla interação temática, indicativa de muitas pesquisas em potencial, capaz de “oferecer um *foco* especial e uma alta *concentração* de saberes das ciências humanas e sociais quando o tema” é religião (UARSKI, 2008, p.12). E nisto reside a complexidade da mesma.



### 1.3.1 A autonomia e a natureza complexa da disciplina

Autonomia, interdisciplinaridade e complexidade do objeto são temas introdutórios da abordagem teórica do capítulo 2, adiante, que refletirá sobre as Ciências da Religião inseridas em dinâmica interdisciplinar.

Autonomia institucional e autonomia disciplinar são intercorrências indissociáveis, embora os elementos constituintes de cada uma sejam de natureza diversa. A autonomia disciplinar implica questões atinentes à identidade e constituição da disciplina; isso remete de imediato aos debates em torno da sua “variedade de nomenclaturas”, as quais dependem “das constituintes da denominação” empregada, quais sejam, Ciência da Religião, Ciências da Religião, Ciência das Religiões ou Ciências das Religiões. Camurça diz que se trata de uma “discussão acerca da definição de seu *método*, se “ciência” ou “ciências”, e de seu *objeto*, se “religião” ou “religiões” (USARSKI, 2007, p.9-10).

Entretanto, essa diversidade, na opinião de Usarski, não atinge a “*estrutura interna da matéria*”, havendo unanimidade sobre seu caráter “pluralista”, no sentido de uma “abordagem “polimetodológica”” (USARSKI, 2007, p.9-10, grifos no original). E acrescenta uma observação fundamental a respeito da constituição da disciplina enquanto campo disciplinar e de suas relações interdisciplinares:

Tal pluralidade interna não é um sintoma de falta de reflexão metateórica sobre a disciplina ou de desinteresse por sua autonomia institucional, mas uma consequência da complexidade, ou seja, da multidimensionalidade do seu objeto. (p.10, redação original)

O assunto da complexidade do objeto é abordado por Filoramo e Prandi (1999, p.17-22, grifos no original) sob o título de autonomia relativa, em que apresentam uma teorização que termina por esclarecer a aparente dicotomia entre disciplina autônoma e campo disciplinar, entre objeto especializado e objeto interdisciplinar. Os autores defendem que toda religião é integrada por elementos históricos e elementos não históricos; ou seja, de um lado, os elementos sujeitos a mudança contínua, de ritos, crenças, formas sociais religiosas, tiradas do contexto histórico; de outro, as estruturas e comportamentos que persistem e que são “a posse de uma legislação normativa interna, de formas de funcionamento, de auto-regulação, de resposta e de recuperação”, sendo estes últimos os elementos-tipo que todas as religiões apresentam em suas respectivas estruturas de sistematização filosófica e dogmática.

Disso advém o confronto entre princípios de autodireção, provindos do ambiente interno da religião, e os “princípios de heterodireção que o ambiente externo lhe impõe”. Este, segundo os autores, é o problema da autonomia relativa da religião, que remete a um “entrelaçamento, historicamente dado, entre determinadas “individualidades” religiosas com sua particular lógica e estrutura e determinados contextos histórico-sociais”. Nisto “reside o *específico* do fato religioso”. As religiões, portanto, “não são explicáveis somente em função de variáveis independentes, externas ao mundo das religiões”. Daí, é preciso trabalhar “com um conceito de religião capaz de levar em conta tanto os seus aspectos funcionais quanto os específicos” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.17).

Há, portanto, elementos da *essência* do fato religioso, integrados por “problemas existenciais que giram em torno da relação entre o homem e os seres que recorrentemente ele crê e vê como fundamento e garantia de sua existência” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.18). Por outro lado, há elementos *históricos* que integram o fato religioso, e que fazem a interface entre a essência o fato religioso e os fatores pertinentes ao contexto sócio-geográfico-histórico-cultural em que o fato religioso encontra-se inserido. Fala-se, aqui, de objeto especializado, em seu núcleo, e de objeto de interesse interdisciplinar, bem como do potencial contributivo-tributário da disciplina em suas relações interdisciplinares.

Essa interface avulta na vasta extensão da área de pesquisa da disciplina. Diz Usarski que o “caráter “emancipado” das Ciências da Religião” se revela não só em sua “independência institucional”, mas também, “entre muitos outros aspectos, na vasta extensão da área de pesquisa [...]”, que ele, reportando-se a Joachim Wach, organiza em duas linhas complementares:

[...] há autores que destacam, de maneira universalista, as constituintes e estruturas comuns *da* religião como essência do real mundo religioso em suas manifestações múltiplas; enquanto outros enfatizam a importância de um levantamento empírico e histórico em favor de uma reconstrução [...] de cada tradição religiosa em sua singularidade (USARSKI, 2006, p. 17, grifo no original)

A complementariedade, como se verifica, é outra forma de abordar a questão dos dois focos de pesquisa, quais sejam, dos elementos essenciais e dos não essenciais do fato religioso. Ademais, a ênfase no campo de pesquisa e seus focos conduz à dinâmica metodológica, como se depreende do comentário de Filoramo e Prandi (1999, p.20), segundo quem:

[...] o estudo científico da religião avançou à medida que se demonstrou capaz de assumir novas perspectivas metodológicas, pois cada novo método, quando eficaz, contribui para se captar um outro aspecto de uma realidade humana histórica extremamente variada e multifacetada e que [...] se revela resistente a ser capturada de uma vez por todas numa única rede metodológica.

De fato, “nunca como hoje a religião foi objeto de tantos estudos, por parte das mais variadas [...] disciplinas”, pois os “diferentes campos disciplinares” podem “ser reciprocamente fecundos”. E aqui aponta o desenvolvimento da disciplina rumo à formação da mesma como campo disciplinar, que ocorre em meio ao “processo de setorização e multiplicação [...] por que passam as outras ciências humanas [...], cada vez mais articuladas e ramificadas”, e da “emergência de novos métodos de pesquisa aplicados à religião” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.5).

Inclusive, “do ponto de vista internacional a situação” da disciplina “tem sido muito complexa”, pois “desenvolveu traços específicos de acordo com as condições acadêmicas nacionais”. A disciplina “precisa ser concebida como ponto de intersecção de várias subdisciplinas e matérias auxiliares” (USARSKI, 2006, p.15). Essa foi a exigência herdada do período do Iluminismo e da ramificação das Ciências Humanas, ou seja, “de uma ciência da religião capaz de reunificar as contribuições que essas diferentes disciplinas” oferecem, “a partir de seu observatório particular, para o conhecimento científico das religiões” (FILORAMO E PRANDI, 1999, p.7).

### 1.3.2 O perfil do campo disciplinar

A constituição das Ciências da Religião como campo disciplinar não é questão pacífica, segundo Camurça (2008, p. 9), que reporta “o debate acerca do perfil teórico-metodológico” a respeito: se “campo de estudos (inter) disciplinar ou disciplina unitária”. E firma posição ao defender que a forma pluralizada, como perspectiva acadêmica, conduz as distintas disciplinas a se organizarem em um “*campo disciplinar*”.

Usarski (2007, *passim*), organizador de uma coletânea denominada *O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião*, reporta a “variedade de nomenclaturas da disciplina”, afirmando que “essa heterogeneidade [...] não atinge o consenso de seus representantes sobre a estrutura *interna* da matéria”, de metodologicamente pluralista. E acrescenta:

Tal pluralidade interna não é um sintoma de falta de reflexão metateórica sobre a disciplina ou de desinteresse por sua autonomia institucional, mas uma consequência da *complexidade*, ou seja, da *multidimensionalidade* de seu objeto. (USARSKI, p. 10, grifo nosso)

O aspecto de interesse aqui são os enfoques temáticos do que Usarski classifica como subdisciplinas clássicas e subdisciplinas complementares, formando um panorama ilustrativo dos vínculos de onde emerge a complexidade da matéria. As subdisciplinas clássicas agrupam História das Religiões, Antropologia, Sociologia e Psicologia da Religião. As complementares, Geografia e Estética da Religião (UZARSKI, 2007, *passim*).

Um olhar mais aproximado dessas interações disciplinares revela um fenômeno universal no meio acadêmico: a crescente especialização das disciplinas, em todos os campos do conhecimento, produziu grandes e fecundos entrelaçamentos interdisciplinares. Este tema será retomado mais adiante, mas abre oportunidade para introdução de dois fortes exemplos dessas interações no campo das Ciências da Religião e aponta um grande campo de pesquisa das interações interdisciplinares envolvendo e atingindo os estudos acadêmicos sobre religião. O primeiro é o exemplo das relações entre Religião e História, com enfoque nas interações metodológicas. O segundo, entre Religião e Sociologia, com enfoque nas zonas de convergências temáticas e nas interações funcionais.

Como se verá, essas relações integram um círculo virtuoso, em que as primeiras interações ocorreram à medida que cada disciplina foi se aprofundando em sua respectiva área de especialização, até o ponto de se identificar um ponto de bem delineada convergência; este, por sua vez, deu origem, por exemplo, à subdisciplina Sociologia da Religião, ou História da(s) Religião(giões), e passou a fornecer elementos de pesquisa específica de objeto especializado, à disciplina mãe, no caso Sociologia ou História.

#### **1.3.2.1 Religião e História: Interações metodológicas**

Eduardo Bastos de Albuquerque é autor do artigo intitulado *História das Religiões* (ALBUQUERQUE, 2003, p. 19-52), na coletânea organizada por Usarski (2007), acima citada. Informa ele que “as ciências históricas foram marcadas por duas posturas fundamentais”: a da “pesquisa histórica fundada em documentos que provem

[...] toda conclusão” e a da que “tenta abstrair os dados empíricos sem ignorá-los”, visando a daí “alcançar algum resultado” além dos dados empíricos. A partir daí as ciências históricas se fracionaram em novas abordagens, como a “sociológica, a antropológica, a etnológica, a econômica e [...] a psicológica”. E a “historiografia tradicional tratou a religião de três maneiras fundamentais”: (1ª) história das religiões, de abordagem predominantemente filosófica; (2ª) história dos países, na qual a religião “é considerada parte da história das instituições e das relações com os Estados”; (3ª) história da igreja, concentrando-se em aspectos institucionais, relações com os governos, personagens e dogmas, mas ignorando ideias, práticas e obras. A grande mudança estava por vir. (*passim*)

No berço da revolução historiográfica dos *Annales*, a religião foi alcançada pelas novas abordagens da produção científica histórica, até pela “proximidade intelectual com a economia, a demografia, a psicologia, a antropologia e a sociologia” e, “a partir da década de 1920, [...] passou a ser tratada de modo completamente diferente pelos historiadores”. Albuquerque resalta o objetivo, da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, de ser “veículo de contatos interdisciplinares entre as ciências humanas. Um produto da nova historiografia foi o “conceito de “mentalidade”, com múltiplas “possibilidades de conexão entre os conceitos de mentalidade e religião” (ALBUQUERQUE, 2003, p.30, 34, primeiro e terceiro grifos nossos).

E o autor dá particular destaque às relações disciplinares e conceituais que foram se desenvolvendo a aprofundando entre religião e história, ao comentar que a história das mentalidades abordou religião de duas maneiras: mudando a noção do tempo e pesquisando as várias dimensões de seu objeto. Quanto à noção de tempo, substituiu a noção pontual, limitada a curto e remoto período histórico, da historiografia tradicional; aplicou a noção de tempos “de longa duração” e “revalorizou os estudos sobre contemporaneidade”. (ALBUQUERQUE, 2003, p. 46)

Quanto ao objeto, “metodologicamente, houve a “historicização” de categorias das crenças e das relações da sociedade com a natureza e de seus membros entre si”: “já não se trata da historiografia de grandes personagens, batalhas, datas e crenças”, mas do coletivo, com os indivíduos fazendo parte de uma coletividade, além da “interiorização das atitudes diante de situações como a morte e o medo”; fala-se também de “estruturas no inconsciente, individual ou coletivo”, da “correlação com o social e o econômico”, da “história cultural” e da “história do imaginário” (ALBUQUERQUE, 2003, p.47).

Albuquerque aponta também, na vasta e relevante obra de Mircea Eliade, como se ampliaram as questões centrais dos estudos sobre religião, que ainda norteiam os debates a respeito da matéria; dentre elas, “a relação entre os fenômenos religiosos e a história; avaliação, julgamento ou compreensão das várias religiões; e o papel cultural deste empreendimento”. (ALBUQUERQUE, 2003, p.43)

E Albuquerque finaliza suas reflexões com uma crítica, dentre outras, sobre a produção historiográfico-religiosa no Brasil, dizendo que “poucos historiadores que tratam da religião fecundam seus estudos dialogando com sociólogos, antropólogos, cientistas da religião, psicólogos e linguistas, entre outros” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 49). Comentário, como se vê, tipicamente focado em relações interdisciplinares.

### **1.3.2.2 Religião e Sociedade: zonas de convergências e interações funcionais**

Blackham, fazendo uma sistematização das *zonas de convergências temáticas*, afirma que “a religião é imemorial, mas suas fontes ainda não se esgotaram”. O autor aponta cinco áreas de interesse da sociedade sobre a religião: (1) a da tradição e autoridade eclesiástica, que o autor classifica como religião eclesiástica; (2) a do interesse político na religião, ou, religião política; (3) a da posição cultural da religião, ou, religião cultural; (4) a da base popular da religião, ou, religião popular; (5) a da relação individual com a religião, ou, religião pessoal. Afirma ele que “a religião não existe desligada desses interesses, como algo independente — dentro da sociedade”, motivo pelo qual deve sempre ser “analisada e compreendida no contexto” dos mesmos. A análise interessa pelas perspectivas que aborda. (BLACKHAM, 1967, p.22; 3-4, 113)

Área de interesse eclesiástico (BLACKHAM, 1967, p. 5): por religião eclesiástica o autor aponta a religião tradicional, “não histórica, resistente a qualquer visão crítica”, cujo princípio é o de manter-se “escrupulosamente fiel ao que foi recebido”, sendo esse “o interesse primário dos que preservam e transmitem a tradição”. Um exemplo, invocado pelo autor, de relevância social da religião eclesiástica, é o da aliança desta “com o interesse político-democrático contra o comunismo”, ocorrida em meados do Século XX nos EUA (BLACKHAM, 1967, p.21)

Área de interesse político (BLACKHAM, 1967, p.10-11; 7; 18-21): é a religião vista pelo interesse que desperta como provedora de “disciplina social e união”, de diversas formas, como por exemplo: (1) quando a prosperidade é vista como favor dos

deuses, motivo pelo qual “o comportamento religioso [...] sofre sanção social e política”; (2) pela vida comum representada nos ritos religiosos, visto que estes criam uma comunidade de interesses e promovem a harmonia do grupo; (3) quando os ritos religiosos são vistos como estímulo necessário ao controle social. Assim, por exemplo, o “culto do imperador, em Roma, mantinha uma ordem política”, motivo pelo qual “clero tinha enorme importância dentro da ordem civil, e o seu controle era objeto de ambições políticas”. Outro exemplo, assinalado pelo autor, é o antigo Egito, em que a sociedade e o Estado podem ser “identificados com uma religião eclesiástica”. Marina de Andrade Marconi e Zelia Maria Neves Presotto (2009, p.138), ao tratarem sobre os elementos da organização política em uma abordagem antropológica, dizem que, nas sociedades ágrafas, são três os elementos: o parentesco, a religião e a economia. E acrescentam:

A religião exprime-se através das crenças, da mitologia e determina a visão de mundo das sociedades. Tem função política ou é o instrumento do político que regula as relações sociais. Torna-se necessário o conhecimento dos diferentes tipos de manifestação religiosa em face da inter-relação entre o político, o religioso e o social. (grafia conforme o original)

Stefano Martelli (1995, p.461-2) refere-se a essa área de interesse como a “metáfora da Religião civil”, que “cobre a área [...] de uma nova ética como fundamento da vivência social”, o que destaca as contribuições da Religião “como sistema simbólico, para a estabilização das concepções gerais que regulam as sociedades modernas”.

Área de interesse cultural (BLACKHAM, 1967, p.12-15): é a religião vista do ponto de vista antropológico, “como uma atividade ou interesse dentre outros, dentro de um contexto global que é a cultura”. Blackham, citando Malinowski, pontua que o “homem, em todos os seus estágios [...] possui um conhecimento fundado empiricamente e usado racionalmente”. A religião, nesse caso, entra “onde o conhecimento falha”, como por exemplo, “no controle do tempo ou das doenças”; assume então uma importância que a leva “a uma associação íntima com todas as formas de organização social”.

Área de interesse popular (BLACKHAM, 1967, p.15-6): a base popular da religião é a que atende a dinâmica dos movimentos e comunidades religiosos, e das necessidades mais imediatas dos que buscam compensações para os desfavores da vida; para tanto, trata a religião eclesiástica de modo arbitrário, selecionando, do que esta tem a oferecer, aquilo que atende mais diretamente aos seus interesses; nas origens, a

religião popular é a dos elementos naturais, como terra e fogo, campos e colheitas, e “dos lugares santos e dos deuses protetores dos lares”. Os mitos surgem aqui como “teologia e metafísica populares”, situação em que o “interesse popular pode desenvolver religiões independentes, fora do controle eclesiástico”.

Área de interesse individual (BLACKHAM, 1967, p.17-8): é o perfil pessoal da abordagem religiosa, ou, a religião pessoal; a religião, diz o autor, é “primordialmente um fato social [...] mas tem sido constantemente extraída da sociedade para o contexto individual”. É, dentre outras coisas, a devoção pessoal, tendo como mola mestra a consciência individual (BLACKHAM, 1967, p.15-6). Na verdade, Blackham identifica, aqui, o que viria a ser a base preponderante da religiosidade pós-moderna, de caráter essencialmente individualista, como já comentado acima. Trata-se das “novas formas de religiosidade, centradas na sacralização do indivíduo”, à luz da “nova ênfase atribuída” ao mesmo (MARTELLI, 1995, p.92).

Martelli (1995, p.30-1) informa sobre *interações funcionais entre Religião e sociologia*, ao discorrer sobre “a religião sob o ponto de vista do sistema social”, comenta as abordagens conceituais dos clássicos da Sociologia sobre religião, dizendo que eles não estavam interessados no fenômeno religioso propriamente dito, mas na busca das causas das grandes mudanças sociais da “passagem da sociedade tradicional para a industrial” e suas patologias, concluindo que:

Essas questões coletivas apresentavam uma dimensão ética. E foi nessa perspectiva que os clássicos da sociologia colocaram a questão da religião, considerada como um fator decisivo para explicar as estruturas e os processos que asseguravam a ordem e o controle social nas sociedades humanas.

A abordagem das funções da religião, de cunho mais acentuadamente sócio-antropológico, exemplifica do argumento da relevância do fator religioso na vida humana, individual e social, e, conseqüentemente, da religião como objeto de estudos acadêmicos. Faustino Teixeira (2005, p.15), abordando o assunto sob a ótica da espiritualidade, afirma que a espiritualidade do ser humano é algo “que toca em profundidade sua vida e experiência”. Considerações sobre as interações da religião com o indivíduo e sua visão de mundo, e com a sociedade e suas estruturas, detalham esse argumento.

Marina Marconi e Zelia Presotto (2009, p.150) defendem que a “religião é um aspecto universal da cultura”, presente em “todas as populações estudadas pelos



antropólogos”; reportando-se a Felix Keesing (1972, p.486) e Raymond Firth (1974, p.159), afirmam que:

A religião, de modo geral, reforça e mantém os valores culturais [...]. Sustenta e incute normas particulares de comportamento culturalmente aprovadas [...]. Ajuda na conservação de conhecimentos ao transmitir [...] os procedimentos ou normas de conduta importantes em determinada cultura.

Segundo Firth (1974, p.236), ela é “uma das principais forças que dirigem a atividade humana, tanto individual quanto socialmente” e “um dos elementos mais importantes e, ainda assim, mais discutidos no debate antropológico”; comentando o pensamento de Malinowski, Firth cita que a religião “surge das necessidades da vida humana” (FIRTH, 1974, p.237). Firth (1974, p.247) conceitua função da religião como “suas relações com os outros elementos no conjunto do sistema [social]”. Ele elenca algumas funções da religião na composição da organização social (FIRTH, 1974, p.258-62): (1) fornecer uma teoria da “interação social” e princípios “da ordem em todo o universo social”; (2) estabelecer a “autoridade para a crença e para a ação”; (3) prover “significação para a ação social”, fornecendo “padrões e ordem [...] interpretados em termos de fins últimos”, constituindo um potencial “mecanismo estabilizador [...] para os indivíduos, em suas relações pessoais e sociais”; (4) possibilitar “a expressão de conceitos de criação estética e da imaginação”, incluindo “projeções da moral e da autoridade”, que envolvem “conceitos básicos para a ação social”.

Marconi e Presotto (2009, p.159) resumem a teorização de Firth dizendo que, segundo ele, as funções da religião assomam sob o ponto de vista de sua atuação na organização da vida social, na provisão de significado para a ação social e como força de ajustamento pessoal. Keesing (1972, p.497) explica o pensamento de Firth nos seguintes termos: [A religião] “proporciona, de maneira notável, uma estrutura para tratar-se os problemas fundamentais da organização social: tornando coerentes as relações, reduzindo a incerteza e a ansiedade, justificando as obrigações morais”.

Keesing (1972, p.513) amplia o foco sobre as competências do fator religioso, ao dizer que o estudo das funções da religião, “dentro de fundos culturais e sociais, mostra ser ela um aspecto central do comportamento, relacionado com a explicação, a justificação e a integração [...] da visão do mundo de um povo”. Reforça, assim, a crítica de Firth (KEESING, 1972, p.238-9) à rejeição dos estudos antropológicos sobre religião, por escolas de pensamento científico que veem ciência “como a eletricidade, que pode fluir livremente desde que esteja devidamente isolada”. À luz dessa

constatação, Firth (1974, *passim*) argumenta que: (1) “existem fenômenos que transcendem o mundo físico, não suscetíveis ao controle da razão”; (2) “a ciência não pode negar ou afirmar nada de maneira significativa no que diz respeito à origem do ser ou do viver”; (3) a ciência “não pode fornecer nenhuma prova de que um indivíduo não tenha tido [...] um conhecimento interior que não possa ser apreendido ou avaliado pelos meios comuns”.

Ainda sobre as funções da religião, Marconi e Presotto (2009, p.159) resumem a sistematização de Keesing, dizendo que ele as classifica em explanatória e integrante, sendo que, na função explanatória, a religião responde a questões essenciais sobre existência, poder, providência e mortalidade, e, na função integrante, interpreta todo comportamento considerado importante e, como tal, devidamente valorizado.

De fato, sobre a função explanatória, Keesing (1972, p. 494-5) afirma que a religião explica as razões da *existência* – a natureza do mundo e do homem; do *poder* – as forças dinâmicas do universo; da *providência* – as funções da manutenção e do bem-estar; da *mortalidade* – a vida e a morte dos indivíduos. Sobre a função integrante, Keesing diz que “a religião não se coloca num lado da cultura, como um compartimento especializado”, mas que ela “tende a interpenetrar todo comportamento importante e valorizado”. Ele ilustra essa interpenetração, citando exemplos como o das relações com a economia (ex., na agricultura, a busca do apoio sobrenatural para boas colheitas); no plano político (ex., na oração pelos governantes); nas atividades estéticas (ex., arte dramática); na diversão (ex., festas religiosas). Na função integrante, Keesing aponta, ainda, a capacidade da religião de transformar em pontos de organização questões importantes de referência pessoal e social, como gestação, nascimento, puberdade, iniciação à idade adulta e casamento.

Interessante o fato de que um estudo das funções da religião, sob o ponto de vista da Psicologia, mostra diversos pontos de convergência com os estudos antropológicos a respeito. Merval Rosa, em *Psicologia da Religião*, (ROSA, 1979, p.234-6), sintetiza a sistematização de John W. Drakeford, em *Psychology of a Soul: A Survey in the Psychology of Religion*, elencando as seguintes funções: (1) “oferecer ao homem um sentido de segurança cósmica”; (2) “oferecer motivação para a vida”; (3) ajudar “o homem a aceitar-se a si mesmo”; (4) tornar “possível a experiência da confissão”; (5) oferecer “estabilidade emocional para os tempos de crises”; (6) oferecer “ao homem uma comunidade terapêutica”. Merval (1979, p. 244) vai além, ao apontar semelhanças e divergências entre religião e psicoterapia, afirmando que ambas “podem

cooperar para o bem comum do homem”, e conclui: “Tanto o psicoterapeuta como o ministro da religião procuram ensinar ao homem as formas mais adequadas de comportamento, para que ele venha a funcionar adequadamente na sociedade”.

Feitas todas as considerações acima, é tempo de apurar que contribuições este capítulo traz para o desenvolvimento das reflexões a que se propõe este trabalho.

#### 1.4 CONTRIBUIÇÕES DO CAPÍTULO 1

Há duas grandes trilhas de argumentação neste capítulo, ambas imbricadas e mutuamente fecundantes. A primeira, parte do testemunho da história sobre a relevância ancestral dos estudos sobre religião e vem desembocar no entrelaçamento de interesses temáticos interdisciplinares; não à toa, diga-se, desde o momento em que os estudos sobre religião se desprenderam da célula-*mater* teológico-filosófica, as primeiras interações de natureza interdisciplinar ocorreram justamente entre Religião e História. A segunda, aponta como, da relevância dos estudos, afluiu naturalmente a identidade disciplinar das Ciências da Religião, impondo-se, repita-se, pela relevância de seu objeto.

Sobre a *relevância dos estudos sobre religião*, destacam-se os temas da relevância social da religião e seu permanente potencial de apurar, de cada época histórica, elementos essenciais para compreensão do espírito dos tempos sociais, antropológicos e políticos, dentre outros.

A esse respeito, são de se destacar os comentários sobre: (1) o percurso desde os cultos domésticos, nos respectivos clãs, até as religiões de cunho nacional e de cunho universalistas, chegando à religiosidade multifacetada e à nova relevância social da religião, no pós-modernismo; (2) o testemunho dos estudos sobre religião, caracterizado como um saber necessário, que acompanhou a humanidade desde seus primórdios civilizatórios.

Sobre a *formação da identidade disciplinar* das Ciências da religião, assoma a ligação entre a relevância dos estudos sobre religião e a formação da identidade disciplinar, destacando-se: (1) a introdução do tema explorado (nunca exaustivamente) no capítulo 2, da interdisciplinaridade e a capacidade contributivo-tributária da

disciplina; (2) questões de objeto e método, e do amadurecimento da autonomia metodológica no berço das origens acadêmicas e ao abrigo da institucionalização.

Quanto às *questões, parâmetros e objetivos* definidos na introdução deste trabalho, este capítulo visou a: (1) abordar e introduzir as questões sobre paradigmas científicos de objeto e método; (2) abordar e introduzir o parâmetro da articulação entre objeto especializado e seus temas de interesse interdisciplinar; (3) delinear as origens e constituição da disciplina.

A abordagem teórica sobre todos esses assuntos, tema do capítulo 2, a seguir, pretende ampliar o campo de visão sobre a dinâmica de atividade interdisciplinar em que se encontram inseridas as Ciências da Religião, em atualíssima *performance*.

## 2. CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES

Apesar da inquestionável relevância dos estudos sobre religião, a disciplina Ciências da Religião continua lutando para ser plenamente reconhecida como legítima integrante do mapa das ciências. Alguns fatores contribuíram para isso, dentre eles: (1) a conturbada relação entre as Ciências Exatas/da Natureza e as Ciências Humanas, principalmente por conta dos paradigmas de objeto e método e seus respectivos ajustes e desajustes para os dois grupos de ciências; (2) a questão da neutralidade do sujeito em relação ao objeto de pesquisa, bastante questionada pelo primeiro grupo de ciências em relação ao segundo.

Essa tensão entre Ciências Exatas/da Natureza e Humanas vem desde o aflorar destas últimas, pelo fato de que as Ciências Humanas não se prestam a testes de experimentação e reprodução de uma hipótese científica que se pretenda comprovar.

Além disso, nas Ciências Humanas o objeto é especializado em dada disciplina, mas é de interesse interdisciplinar; os métodos são compartilhados; na relação sujeito/objeto, o sujeito defronta-se com o fato de ser ao mesmo tempo, sujeito e objeto da pesquisa, o que exige um novo pensar sobre essa relação.

Entretanto, passo-a-passo, os teóricos apontam que, longe de se tratar de campos de estudos desajustados, as Ciências Humanas têm natureza e características próprias. Isso afeta diretamente as relações sujeito/objeto/método, e põe as Ciências Humanas na vanguarda das relações interdisciplinares.

No caso das Ciências da Religião, seu campo disciplinar é mecanismo de interação com as demais disciplinas no sistema em rede, conforme a teoria dos sistemas complexos; a multiplicidade temática do seu objeto estabelece a ligação entre as disciplinas; as relações interdisciplinares figuram como um dos meios de investigação acadêmica, em que cada disciplina em princípio mantém seu método próprio, mas compartilha metodologias, quando se impõe a necessidade do “pluralismo metodológico” citado por Filoramo e Prandi (1999, p.10-11). O objetivo é sempre que os resultados das investigações acadêmicas sejam articulados, de modo que essa articulação produza um conhecimento mais amplo do que cada disciplina individualmente é capaz de gerar; não se trata de solução a título de panaceia, mas de

uma nova abordagem epistemológica e metodológica que vai se impondo paulatinamente. A exposição das teorias da interdisciplinaridade e dos sistemas complexos, portanto, aponta o cerne desta argumentação e os matizes em que a mesma tem fundamentação.

Ora, a investigação nas Ciências Humanas e do Ambiente é “o mais importante campo de aplicação da interdisciplinaridade”. Diante disso, assoma a viabilidade e necessidade de se pensar a respeito da cientificidade da disciplina Ciências da Religião, seus paradigmas e correspondentes práticas de investigação, *à luz desse novo panorama epistemológico e resultantes alterações no mapa das ciências*. (POMBO, 2004, p. 64)

## 2.1 MOMENTOS DA CIÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES

### 2.1.1 Momentos históricos da ciência

O processo de produção de conhecimento científico passa hoje por questionamentos e rupturas equivalentes, em relevância, ao que ocorreu na história da ciência. Cabe destacar três desses períodos em especial, dos quais o primeiro foi o Renascimento, no curso da revolução científica moderna. A teoria da ciência, concebida na época, opôs-se à ciência grega, ao modelo aristotélico e ao dogmatismo religioso dominantes na Idade Média. Exigiam-se “métodos precisos de investigação e explicação no campo das ciências naturais”. A primeira proposição de método científico, feita por Francis Bacon, compunha-se de: (1) experimentação; (2) formulação de hipóteses; (3) repetição da experimentação por outros cientistas; (4) repetição do experimento para a testagem das hipóteses; (5) formulação das generalizações e leis (J. C. KÖCHE, 2010, p.49-50).

O segundo período da história da ciência foi o da era de Newton, quando “o homem começou a trabalhar, tendo como **modelo** de acesso à realidade o **procedimento do experimento científico**”; tratava-se do método científico indutivo-confiável, composto pelas seguintes etapas: (1) “*observação* dos elementos que compõem o fenômeno”; (2) “*análise* da relação quantitativa dos elementos que

compõem o fenômeno”; (3) “indução de *hipóteses* quantitativas”; (4) “*teste* experimental das hipóteses para a verificação confirmabilista”; (4) “*generalização* dos resultados em lei”. Esse paradigma “gerou uma cega confiabilidade na ciência” e esse método, aplicado à Física, “passou a ser o modelo ideal que deveria ser copiado por todas as outras áreas de conhecimento”. Pesquisavam-se fatos e não problemas. (KÖCHE, 2010, p.56-7, 71 primeiro grifos, no original; grifos das etapas 1 a 4, nossos)

Quanto ao terceiro período, diz Köche que ocorreu na própria Física, quando se iniciou “a ruptura com o dogmatismo e a certeza da ciência”. Os métodos passaram a ser vistos como “*convenções* articuladas no contexto histórico-cultural”, permitindo “a renovação e progresso das teorias, revelando o caráter dinâmico da ciência e a *historicidade dos princípios epistemológicos do fazer científico*” (KÖCHE, 2010, p.58-9):

[...] a ciência e seus procedimentos são encarados como um processo histórico e como um sistema aberto, sujeito a mudanças drásticas *atreladas* à cultura de cada época e à *área de conhecimento em que estiver o problema sendo investigado*. (KÖCHE, 2010, p. 69, grifo nosso)

Pombo, sob outro viés, identifica três momentos da “história das relações cognitivas do homem com o mundo”: o primeiro é o do “momento sincrético, anterior à ciência; o segundo, o da especialização, da fragmentação disciplinar”; o terceiro, o atual, do “*contributo da interdisciplinaridade e integração dos saberes*”. (POMBO, 2004, p.19, grifo no original)

### **2.1.2 Momento presente da ciência**

O momento presente é de ruptura com o cientificismo. Japiassu, discorrendo sobre os fundamentos epistemológicos do cientificismo, diz que “o método experimental, racional e objetivo [...] impôs [...] o primado da Razão sobre os demais aspectos da experiência humana”, o que levou o cientificismo a questionar a cientificidade das Ciências Humanas como um todo, postulando que:

Todas as verdades humanas, para terem significação cognitiva, deverão submeter-se aos critérios de uma verificação experimental. A arte, a religião, a vida afetiva e a vida cotidiana, que não se deixam reduzir à obediência às

normas físico-matemáticas, são desacreditadas como desprovidas de sentido. (JAPIASSU, 1981, p.105,107)

Na esteira do cientificismo emergiu o naturalismo, que segue na mesma linha, pois se apresenta, “do ponto de vista filosófico”, como “doutrina que exclui por completo toda e qualquer referência a um saber de ordem “espiritual””; “do ponto de vista epistemológico, o naturalismo nega “radicalmente, por uma questão de princípio, a especificidade das ciências humanas e validade de seus conhecimentos”, considerando que as mesmas permanecerão “num estado de imaturidade epistemológica”. (JAPIASSU, 1981, p.110, 113)

Alguns pressupostos do cientificismo são: não “depende de nenhuma instância racional que seja exterior à ciência”; a ciência, de acordo com o cientificismo, é “entendimento globalizante de toda a vida”; “só o conhecimento científico é verdadeiro e real”; só é científico o conhecimento passível de “experimentação em laboratório””; o conhecimento “deve ser cortado em várias especialidades”; o conhecimento científico deve fundar-se exclusivamente sobre a Razão”, cujo “único instrumento [...] é o *método experimental* e dedutivo”. (JAPIASSU, 1981, p. 116-8)

Aliás, abrindo um parêntese na argumentação, Japiassu observa que “a racionalidade científica transforma-se em ideologia a partir do momento em que tenta impor-se como a única forma possível de racionalidade”. Ora, isso implica dizer que o cientificismo, apresentando-se como “*uma teoria do conhecimento*” que “pretende invalidar [...] toda e qualquer outra forma de conhecimento que não satisfaça as exigências do conhecimento positivo propriamente dito” (JAPIASSU, 1981, p.80, 110). Fecha parêntese.

A crítica ao cientificismo (e não à ciência, ressalta Japiassu), consiste em negar, dentre outros pressupostos: que os problemas da humanidade serão “resolvidos pelo progresso científico-técnico”; que esse progresso independa “dos sistemas político, cultural e social”; que o “mundo real seja unicamente o dos fenômenos quantificáveis”. (JAPIASSU, 1981, p.130)

A postura teórico-científica, portanto, é a de que “o progresso do conhecimento já não se dá apenas pela especialização crescente”, mas “exige também um olhar transversal”. Assim, trata-se de examinar as implicações da interdisciplinaridade nesse



contexto de reação ao cientificismo e ao esfacelamento do saber que a excessiva especialização gerou, como se verá mais à frente; disso resulta que a interdisciplinaridade surge como possibilidade e necessidade (POMBO, 2004,p.19, 29, 69, grifos no original)

O momento presente da ciência é, pois, de “ruptura com o cientificismo”. A ciência contemporânea investiga problemas, pois “a pesquisa é um processo decorrente da identificação de dúvidas e da necessidade de elaborar e construir respostas para esclarecê-las”. Trata-se de “um questionamento elaborado pelo sujeito que põe em dúvida o conhecimento já produzido”, por inconsistência teórica ou por ser “inadequado para explicar os fatos”:

O homem [...] domina o conhecimento e o utiliza como rede para compreender e explicar o mundo. [...] À medida que cresce a ciência, que evolui o seu conhecimento com teorias mais amplas, cresce também a capacidade de o homem perceber problemas. As teorias científicas iluminam o caminho do pesquisador. A percepção de problemas está diretamente relacionada ao uso de teorias. (KÖCHE, 2010, p.71-2)

Assim é que, atualmente, a ênfase da sistematização de conhecimentos está em “oferecer explicações para problemas científicos que não se enquadram nas teorias existentes”. São “novas exigências da produção, conservação, sistematização e divulgação” de conhecimentos, que “implicam condutas [...] epistemológicas adequadas”. Nesse sentido, o exame do *status quo* teórico é alicerce de pesquisa, pois “pode esclarecer as respostas positivas e as lacunas de explicação do objeto ou do problema em questão”. (JAYME PAVIANI, 2009, p. 64, 92)

*Articulação* é palavra-chave nesse mecanismo de pesquisas e conhecimentos voltados a objetos de interesse multidisciplinar; a esse respeito, Paviani enfatiza *articulação* como conceito relevante para as reflexões sobre relações interdisciplinares, ao afirmar que “o método é o modo básico de *articular* os atos de conhecer” (PAVIANI, 2009, p.99).

### **2.1.3 Revitalização religiosa e as Ciências da Religião**

Em tal contexto, os teóricos apontam uma “revitalização religiosa pela qual as sociedades passam atualmente”, levando a uma “busca pela compreensão do fenômeno

religioso que supere [...] as abordagens determinadas pelas idéias iluministas anti-religiosas”. Das pesquisas, a religião avulta, por exemplo, na Sociologia da Religião, como “*fator de integração* da sociedade e como *fator de compensação* por determinadas perdas nas relações sociais”; impõe-se ainda a necessidade de pesquisa dos fatores que conferem “aos nossos atos religiosos um sentido estruturante” (ANTONIO C. M. MAGALHÃES, 1997, p.10, 19, 21, grafia conforme o original).

Hock comenta que houve um “deslocamento de tarefas” das Ciências da Religião, pois as visões de mundo são agora o centro do interesse, “voltado para as respostas que elas oferecem a experiências humanas e perguntas existenciais”. A fonte desse interesse é a capacidade, das Ciências da Religião, de promover o diálogo inter-religioso e intercultural (HOCK, 2010, p.83).

Desse contexto de nova abordagem funcional e temática, a disciplina Ciências da Religião emerge, integrada e integradora, articulada com as demais Ciências Humanas, na dinâmica das relações interdisciplinares à luz de um novo pensar epistemológico. A disciplina prospecta conhecimentos, por exemplo, sobre os modos de conhecer, cosmovisões e modos de ser do homem; *articula* conhecimentos já existentes, produz novos e os disponibiliza para as demais. É o exercício da competência tributário-contributiva da disciplina, tanto disponibilizando quanto recebendo resultados de pesquisa, a partir do atendimento ao seu núcleo de objeto especializado.

## 2.2 INTERDISCIPLINARIDADE E IMPLICAÇÕES PARADIGMÁTICAS

A teoria da interdisciplinaridade, na leitura de Olga Pombo, conforme exposto em *Interdisciplinaridade: ambições e limites*, apresenta-se como “fenômeno decisivo da ciência” e como “*mecanismo de integração e de unificação*” dos saberes; visa a um “desenvolvimento integrado da produção do conhecimento”, em uma reflexão epistemológica sobre a unidade e a especialização dos mesmos. Trata-se de “*transformações epistemológicas*”, em face do reconhecimento de que “o progresso do

conhecimento já não se dá apenas pela especialização crescente”, mas também exige “um olhar transversal” (POMBO, 2004, p. 65).

De fato, “é o progresso da própria especialização que exige o cruzamento, a articulação entre domínios” de conhecimento; isso resulta do aprofundamento de suas pesquisas, que acabam por revelar articulações até então não visualizadas, mas que surgem exigindo investigação científica (POMBO, 2004, p.14, 18-9, 157, 161), pois, “novos problemas científicos exigem novas posições teóricas”. Nesse sentido, as sistematizações do conhecimento permitem rever teorias, articular teorias, criticar teorias (PAVIANI, 2009, p.92).

Entretanto, apesar de se tratar de uma exigência que emergiu no campo pedagógico tanto quanto no científico, a palavra “interdisciplinaridade” não tem um conceito estável e aparece em “contextos muito diferentes”. Basicamente, pertence a “dois domínios fundamentais: o da *construção* e o da *transmissão* do conhecimento”. No campo da construção, as variantes de entendimento não necessariamente excludentes entre si, podem ser, em síntese: (1) cooperação de disciplinas; (2) transferência de problemas, conceitos e métodos; (3) intercâmbio e enriquecimento recíproco; (4) integração axiomática. (POMBO, 2004, p. 30, 32-3, grifos no original)

A proposta da interdisciplinaridade, entretanto, não é a de “unificar as disciplinas pela redução das suas diferenças; é, antes, um processo de fecundação recíproca, de transferência de conceitos, problemáticas e métodos com vistas a uma leitura mais profunda da realidade”, oculta “a um observador fixo e rigidamente disciplinar”. Busca-se uma visão de conjunto, panorâmica, que, inclusive, viabiliza “a designação de objetos novos de investigação, que só a interdisciplinaridade torna possíveis — por exemplo, “a cidade” — o que “alarga enormemente o território das coisas cognoscíveis” (POMBO, 2004, p.33, 153, 155). A esse respeito, cite-se, por exemplo, a publicação *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*, coletânea organizada por Clara Mafra e Ronaldo de Almeida, cujo primeiro artigo é *Religião e Metrópole*, de autoria de José Guilherme Cantor Magnani.

Abrem-se “novos caminhos de emergência de disciplinas [...] por reestruturação interna do mapa das ciências”. A ciência faz uso da prática interdisciplinar mediante a produção de novas disciplinas por “cruzamento metodológico, lexicológico ou por partilha de objetos comuns”, mas não se “discute o fundamento da disciplina”. Trata-se

de um “cruzamento disciplinar cauteloso”, que nunca chega “ao ponto de diluir os objetos” de cada disciplina. A “emergência de novas disciplinas não é mais do que a estabilização institucional e epistemológica de rotinas de cruzamento de disciplinas”. É esse perfil que faz da interdisciplinaridade o mecanismo de integração e de unificação de saberes acima referido, mediante a citada “fecundação recíproca” entre disciplinas (POMBO, 2004, p. 75, 153, 158-161)

Pombo cita um “fenômeno-limite” nessa emergência de novas disciplinas, que é da “patentificação”, não de “novas *aplicações* tecnológicas”, ou de “*resultados* obtidos”, mas de áreas de investigação; patenteiam-se “*área selecionada e metodologia proposta*” (p. 16). Ou seja, obviamente, os elementos constituintes de cada disciplina permanecem relevantes, mas o foco central da relevância desloca-se para o campo de conhecimento que se deseja explorar mais a fundo; trata-se de objeto especializado, sim, mas que, por sua natureza interdisciplinar, presta-se à articulação de pesquisas e conhecimentos com qualquer área que tenha interesse no mesmo. E é nesse contexto de articulação que a interdisciplinaridade revela-se eficiente instrumento, em que cada disciplina exerce sua capacidade tributário-contributiva.

A interdisciplinaridade é, pois, “a *manifestação actual da ideia de unidade das ciências*”, figurando como: (1) “resposta por reação à situação extrema de especialização”; (2) “*exigência* do próprio progresso do conhecimento especializado”; (3) “*projecto* de uma ciência em perda de unidade”; (4) “o sintoma de uma carência” (POMBO, 2004, p.156-7, grafia e grifos conforme o original).

Japiassu conceitua interdisciplinaridade como um protesto: (1) “contra um saber fragmentado”; 2) “contra o divórcio [...] entre uma universidade cada vez mais compartimentada [...] e a sociedade em sua realidade dinâmica [...], onde a “verdadeira vida” sempre é percebida como um todo complexo e indissociável”; (3) “contra o conformismo [...] das “idéias recebidas” ou impostas”. Assim, a interdisciplinaridade é “cada vez mais chamada a postular um novo tipo de questionamento sobre o *saber*, sobre o *homem* e sobre a *sociedade* (JAPIASSU, 1976, p. 43, 51, grifos e grafia conforme o original)

### 2.2.1 Interdisciplinaridade e especialização

A especialização do conhecimento científico é tanto necessária quanto danosa. Necessária ao próprio progresso do conhecimento, favorecendo “a delimitação precisa do objeto de investigação, rigor e profundidade da análise”, “domínio da bibliografia”, “aferição dos conceitos técnicos necessários à construção teórica de cada disciplina”, dentre outras coisas. Danosa, por duas grandes razões; primeira, porque “a especialização exponencial” a que se chegou levou a uma fragmentação, ou desintegração do saber; dentre outros fatores, a especialização dificultou a fecundação mútua entre disciplinas, pelo fato de bibliografias, linguagens especializadas e resultados tornarem-se cada vez mais herméticos à compreensão pelos não especialistas da área de conhecimento em tela. Acresce o problema decorrente dos mecanismos institucionais de legitimação do trabalho de investigação, pelo qual busca-se provar que um tema de investigação é mais importante do que outros (POMBO, 2004, p. 133-4, 141-2)

A especialização tem efeitos danosos também porque a ciência clássica entendia que o saber constituía-se da soma das partes, ou seja, de cada área de especialização: “Na perspectiva do positivismo clássico, esse crescimento [...] é [...] a progressiva aproximação a uma verdade à qual a humanidade estivera [...] afastada por representações teológicas e metafísicas”: Ora, à luz desse raciocínio, quanto maior a especialização, mais próxima da verdade a ciência estaria; partia-se do “princípio de que existe um conjunto finito de elementos constituintes e que só a análise de cada um desses elementos” permitiria, “depois, reconstruir o todo”; entretanto, o que se constatou foi que, “quanto mais fina é a análise, maior a complexidade que se abre”; a conclusão, portanto, é que “o todo não é a soma das partes” e “a especialização tem de ser complementada”. (POMBO, 2004, p. 18, 20, 51,73, 132)

O que ocorre é uma “transformação epistemológica”; de um modelo de ciência metaforicamente representado por uma árvore, com um tronco cartesiano, cujos galhos estariam todos ligados por uma hierarquia, muda-se para “um modelo em rede, em complexíssima constelação, em que deixa de haver hierarquias, ligações privilegiadas”. Nesse contexto, a interdisciplinaridade surge como um “efeito corretivo”, o *contraponto possível a uma ciência sem unidade*. Tornou-se um “*projecto cada vez mais reclamado* pelo próprio progresso do conhecimento especializado, uma exigência que atravessa a

comunidade dos investigadores”. (POMBO, 2004, p.21, 14, 8, grifos e grafia conforme o original).

Discorrendo sobre a distinção “entre conhecimento como produto e conhecimento como processo”, Paviani diz que verifica-se que há “novas exigências da produção [...] dos conhecimentos” na área da ciência como processo. Isso implica novas exigências teóricas, ou seja, a exigência de “condutas [...] epistemológicas adequadas” (PAVIANI, 2009, p.64). Hilton Japiassu enfatiza as “trocas de informações e de críticas, em que [os especialistas] explodem as “ilhas” epistemológicas mantidas pela compartimentalização das instituições”, em benefício da “interação entre duas ou mais disciplinas”. (JAPIASSU, 1976, p.31-2)

À luz do fato de que “é função epistemológica refletir sobre as condições necessárias para se produzir conhecimentos científicos”, a teoria da interdisciplinaridade, diz Paviani citando Edgard Morin, apresenta-se, “não como solução” (o que não é tarefa de teoria, qualquer que seja), mas como “possibilidade de se buscar solução”. Esse fato aplica-se particularmente às Ciências Humanas, que apresentam “complexidade epistemológica e metodológica” (PAVIANI, 2009, p.25, 31, 53, 63). Japiassu esclarece bem a questão epistemológica envolvida:

[...] o que está em jogo é a postulação de um conhecimento do fenômeno humano na totalidade da sua significação [...], pela descoberta e pelo aprimoramento de uma nova metodologia, em que a epistemologia da dissociação e da divergência cedesse o lugar à epistemologia da integração e da convergência dos enfoques de cada ciência sobre a mesma realidade. (JAPIASSU, 1976, p. 66)

“A investigação do fenômeno humano”, acrescenta Pombo, tem de ser posta “ao serviço da transformação da vida colectiva, social e individual”. É o “cruzamento da perspectiva veritativa e da perspectiva sociológica da ciência” (POMBO, 2004, p.65, 75, grafia conforme o original). Japiassu enfatiza essa abordagem ao afirmar que “a primeira e mais radical justificação de um projeto de pesquisa interdisciplinar [...] deve [...] ser procurada na complexidade dos problemas [...] para chegar[mos] a um conhecimento do humano [...] na convergência de nossos conhecimentos parcelares”. (JAPIASSU, 1976, p. 62)

Essa dinâmica de articulação de disciplinas faz da interdisciplinaridade instrumento que revela “de que modo a identidade do objeto de estudo se complexifica através dos *métodos* das várias disciplinas”. Isso acresce ao fato de que, nas Ciências Humanas, o *objeto* de pesquisa tem uma “complexidade [...] intrínseca, que não se deixa esclarecer pela estrita lógica” de uma “estrutura disciplinar hierarquizada, estritamente especializada” e “sujeita a rígidos paradigmas cientificistas”. Na interação entre a teoria da interdisciplinaridade e a teoria dos sistemas complexos essas questões paradigmáticas emergem em uma nova proposta epistemológica, que, aplicada às Ciências Humanas, e da Religião inclusive, muda a forma de abordagem e aplicação dos paradigmas de cientificidade da mesma. Até porque os “conhecimentos disciplinares são paradigmáticos [...], mas não são assim os interdisciplinares”, diz Héctor Ricardo Leis, em *Sobre o conceito de interdisciplinaridade*. (LEIS, 2005, *passim*)

## 2.2.2 Relação sujeito – objeto: neutralidade x objetividade

A relação sujeito-objeto foca o problema do sujeito agente da pesquisa, ante seu objeto de pesquisa, e a neutralidade que se exige dele, o sujeito agente. O contexto, aqui, é o campo das Ciências Humanas, incluindo Ciências da Religião; esta é confrontada pelo questionamento sobre a capacidade, do sujeito agente, de ser cientificamente neutro, ao desenvolver uma pesquisa sobre determinado objeto extraído do próprio universo em que o sujeito agente está inserido.

Japiassu aborda o assunto começando pela afirmação de que a “atividade científica [...] é uma atividade humana e social como qualquer outra, [...] impregnada de ideologias, de juízos de valor [...]”, influenciada pelas cosmovisões dos sujeitos da pesquisa. E é *atividade*, é dinâmica, “jamais atinge um estado definitivo. Uma produção científica acabada [...] deixaria de ser científica para converter-se em dogma”. Ela se baseia em um “pluralismo de concepções” e não em um “parâmetro universal de objetividade”, até porque objetividade não existe; o que existe é “objetivação”, “objetividade aproximada”. (JAPIASSU, 1981, p.58-9; 60; 61; 69)

E aqui reside a questão central sobre neutralidade, pois, por um lado, “o que está em jogo é [justamente] o conceito de objetividade científica”; por outro, “não há critérios universalmente válidos de objetividade conferindo neutralidade para todos”. A

solução reside em que “a objetividade se define pelo respeito aos objetos [de conhecimento] construídos e do poder dos modelos utilizados relativamente aos dados da experiência”. Não se trata de “reprodução fiel da “realidade””. Os objetos, por sua vez, “existem independentemente de nosso conhecimento”, mas o “objeto real” só se torna “objeto científico” quando “enquadrado por um ponto de vista teórico”. E “compete à epistemologia revelar *como* a ciência constrói seus objetos”. (JAPIASSU, 1981, p.62,76-9). E aqui entra a questão da neutralidade, do ponto de vista da prática analítica; ao comentar funções da epistemologia, Japiassu aponta elementos nada neutros que interferem na referida prática:

Todo cientista gira em torno de certas categorias de análise. E a epistemologia leva-nos a refletir sobre tais categorias. Leva-nos ainda a questionar os pontos de partida infundados, os axiomas gratuitos, as seletividades arbitrárias e as preferências pessoais decorrentes de opções valorativas. Ademais, leva-nos a identificar as aderências ideológicas teóricas [...] (JAPIASSU, 1981, p. 62)

Tais opções valorativas constituem um dos elementos “do acesso ao saber objetivo”; isso porque “toda ciência constrói seu objeto, elabora seus dados e seus fatos” [...] e a “objetividade sempre se perde em pressupostos” não objetivos; isso porque a eleição do objeto, dados, fatos e pressupostos implicam uma opção, uma escolha e, por consequência, a valoração dos elementos selecionados. Japiassu, analisando o pensamento de Weber, reporta afirmação do mesmo, no sentido de que as “cosmovisões pessoais costumam atuar ininterruptamente no domínio das ciências”, o que pode distorcer a “argumentação científica”. Ademais, a própria neutralidade científica é vista como um valor”. (JAPIASSU, 1981, p.63-71)

Enquanto fenômeno, o fato permanece exterior à pessoa. Enquanto acontecimento valorativo, está ligado a ela por um interesse. Nesse sentido o fato não é neutro, pois de algum modo envolve a pessoa. Todo conhecimento, enquanto processo de apreensão de um objeto por um sujeito, inclui o trabalho do sujeito sobre o objeto: o sujeito seleciona o que lhe interessa na realidade. É por isso que todo fato é de algum modo valorado. (JAPIASSU, 1981, p.75)

Na verdade, a “objetividade das ciências e dos cientistas é um valor de natureza ideológica”, na busca da objetividade tanto do “produto dessa atividade”, quanto do sujeito agente da pesquisa. Desse modo, postula-se que as “ciências objetivas forneceriam “verdades” independentes [...]; os cientistas se limitariam a descobrir essas verdades”. Japiassu critica esse postulado, afirmando que “essa noção de objetividade



não tem *suporte epistemológico*”, visto que a objetividade “tira seu valor dos objetos construídos e do poder dos modelos utilizados” (JAPIASSU, 1981, p. 78)

Em outra obra, *Interdisciplinaridade e Patologia do saber*, Japiassu, tratando especificamente das Ciências Humanas, afirma que:

[...] essas disciplinas lidam com a identidade do sujeito e do objeto, criando para si um *estatuto diferente* do estatuto das disciplinas naturais. Essa identidade torna difícil a dissociação dos juízos de fatos e dos juízos de valores. O estatuto científico dos fatos humanos implica sempre uma *tomada de posição valorativa* e um estatuto ao mesmo tempo explicativo e compreensivo. (1976, p. 180, grifos nossos).

Paviani diz que “as teorias do conhecimento centralizadas apenas no dualismo sujeito e objeto não abarcam a totalidade do fenômeno do conhecimento”, pois “o [...] ato de conhecer implica alguém que conhece, o que é conhecido e a relação ou o modo como algo é conhecido”; ou seja, o processo do conhecimento se traduz de forma proposicional, linguisticamente, e a partir de “uma concepção de realidade”. (PAVIANI, 2009, p.65, 67)

Fechando foco especificamente no campo das Ciências da Religião, estas reflexões reportam-se novamente a Klaus Hock que, comentando o pensamento de Rudolf Otto, Mircea Eliade e Joaquim Wash, destaca a posição deles, tanto aplaudida, quanto severamente criticada, de que “somente quem tem experiência com o numinoso pode entender de que se trata na religião” (HOCK, 2010, p.80).

Ele também aborda mais diretamente o papel do pesquisador “da religião no processo da pesquisa científico-religiosa” e sua relação subjetiva com o objeto da pesquisa, apontando dois tipos de problemas que podem ocorrer: o primeiro é conscientemente fazer do processo de pesquisa científico-religiosa uma expressão de convicção religiosa pessoal, a qual orienta inclusive os parâmetros, e sua aplicação, de análise dos dados obtidos na pesquisa:

O “fator subjetivo” encontra-se num outro plano quando, por exemplo, é levado para dentro do processo da pesquisa sob a forma de um posicionamento religioso decidido, [...] assim ganhando seu efeito explicitamente nos questionamentos ou na avaliação dos resultados da pesquisa. (HOCK, 2010, p.283)

O segundo tipo de problema é aquele em que não há “uma decisão consciente em rol de uma confissão”, mas “do fator subjetivo na forma e uma caracterização pessoal do cientista”. Trata-se de

[...] condicionamentos preestabelecidos aos quais cada pessoa está submetida *a priori*, quer assuma ou não a posição de uma confissão. Portanto, essa constituição pessoal localiza-se em um plano mais profundo e desempenha um papel importante para a pesquisa científico-religiosa, especialmente quando [...] atitudes fundamentais positivas ou negativas latentes, [...] exercem seus efeitos sem que isso seja [...] levado em conta durante o processo da pesquisa. (HOCK, 2010, p.243)

E Hock, sob a forma de indagações, exprime com clareza sua posição acerca dos possíveis benefícios, na relação sujeito/objeto da pesquisa:

[...] a Ciência da Religião precisará confrontar-se com a questão de como pretenderá lidar construtivamente com tais condicionamentos pessoais. [...] Será que não precisamos [...] tornar essas dimensões pessoais mais conscientes e integrá-las no próprio processo da pesquisa? Será que a indiferença religiosa é uma atitude que facilita a pesquisa científico-religiosa — ou será que ela é um construto ideológico [...] que tem um efeito distorcedor sobre a pesquisa, quando não submetida [...] a uma reflexão crítica? (HOCK, 2010, p.243)

Hock conclui o assunto afirmando que o cientista da religião não restringe “sua atuação ao mero registro” e recepção de dados, mas participa “pessoalmente dos processos que conduzem à constituição do objeto da Ciência da Religião” (HOCK, 2010, p.244)

Assim, a questão da neutralidade e objetividade do sujeito em relação ao seu objeto de pesquisa, como critério “fechado” de apuração da cientificidade de qualquer disciplina, está longe de ser pacífica; isso, principalmente no campo das Ciências Humanas, e por abrangência do campo de conhecimento, também das Ciências da Religião, visto que os paradigmas não tem caráter absoluto, mas, como já observado, têm de se adaptar ao perfil e à natureza do campo de conhecimento a que se aplicam.

### **2.2.3 Considerações metodológicas: fenomenologia**

Como já comentado, a interdisciplinaridade não se presta a fazer um amálgama de disciplinas e métodos, mas visa à articulação de conhecimentos para uma visão mais abrangente e não compartimentalizada dos saberes. Cabem, portanto, breves

considerações sobre a fenomenologia como método das Ciências da Religião, sem entrar no mérito dos debates sobre a cientificidade da mesma, visto que a abordagem de interesse aqui é a Fenomenologia de Estilo Novo. (HOCK, 2010, p.86)

Waldomiro Piazza diz que “a religião é antes de tudo um fato humano”, que “aparece profundamente radicada no indivíduo, extrapolando-se para a sociedade por ele integrada”. O autor questiona de que modo deve ser estudado o fato religioso, se pelos “processos empíricos das ciências positivas”, ou “pelos métodos analíticos da psicologia”, para concluir que as ciências positivas de interessam apenas “pela estrutura social da religião” e que “a religião não se identifica simplesmente com a psicologia humana”. “Só a fenomenologia”, acrescenta ele, tem o potencial de “fornecer [...] uma “interpretação” válida de seu significado mais profundo”. (PIAZZA, 1976, p.19, 20)

Piazza afirma que “o “fato religioso” é um verdadeiro “fenômeno humano”, que se traduz por atitudes e costumes”, nos quais se podem observar tanto o “acontecimento religioso”, quanto seu significado; esse é um dos motivos pelos quais se torna possível apurar a “ “intencionalidade” do fenômeno”. A pesquisa fenomenológica, por sua vez, “mostra que o problema religioso se funda [...] em uma experiência do Sagrado”, cuja manifestação exterior fica condicionada “às estruturas do grupo social”. E a experiência, neste caso, é vivência, “um conhecimento pessoal, total, intransmissível”; não se trata, portanto, de experiência que é verificação, cujo conhecimento “é exterior, particular, transmissível”. (PIAZZA, p.21, 31, 56)

“Sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico pode ser adequado”. O termo fenomenologia significa, etimologicamente, “a ciência ou o estudo” daquilo “que se mostra a partir de si mesmo”. A fenomenologia é ciência das essências e das experiências. E as essências “não existem apenas no interior do mundo perceptivo. Recordações e desejos também têm a sua essência”. A fenomenologia, então, possibilita “captar e descrever as essências ou modalidades típicas com que os fenômenos sociais, morais ou religiosos aparecem à consciência”. (DANIEL MOREIRA, 2004, p. 60, 63, 70)

São três as correntes clássicas da pesquisa fenomenológico-religiosa: (1) Fenomenologia da Religião Descritiva: “descreve e classifica fenômenos individuais”; (2) Fenomenologia da Religião Tipológica: pesquisa grupos inter-relacionados de fenômenos em cuja base podem ser distintos e categorizados diferentes tipos de

religiões; (3) Pesquisa da Religião Fenomenológica: no sentido mais estrito analisa a essência, a estrutura e o significado de fenômenos religiosos. Um dos representantes dessa classificação é Mircea Eliade. (HOCK, 2010, p.72)

A abordagem fenomenológica opõe-se à das ciências de orientação positivista. Estas “se concentraram em verificar fatos cientificamente estabelecidos e alegadamente “objetivos” e em descobrir as leis nas quais eram embasados”. A Fenomenologia da Religião, por sua vez, “entende que ela é capaz de acessar “coisas religiosas” sem recorrer às fórmulas de aproximação proporcionadas por essas ciências”. Foi nessa linha que trabalhou William James, psicólogo da religião. Ele procurou “arrolar empiricamente e descrever e ordenar tipologicamente fenômenos religiosos sem perguntar por sua verdade; sem emitir julgamentos sobre seu valor e sem forçá-los em determinados esquemas de interpretação”. (HOCK, 2010, p.73)

A Fenomenologia da Religião enfrenta a acusação de ser uma “teologia camuflada”, motivo pelo qual “precisaria ser “superada””, o que levou à sua marginalização”; hoje, “uma nova formulação da Fenomenologia da Religião” está em desenvolvimento. Nesse sentido, Jacques Waardenburg propôs uma Fenomenologia da Religião de Estilo Novo. Trata-se do pressuposto de que fenômenos religiosos *e culturais* não têm um significado objetivo, em si mesmos; pelo contrário, sentido e significado são atribuídos a eles. Desse modo, a pesquisa deve focar o sentido subjetivo dos fenômenos:

Uma Fenomenologia da Religião assim compreendida já não procura pela “essência” da religião ou por fenômenos religiosos fora do tempo e do espaço, mas pergunta agora pelas interpretações de sentido subjetivas num contexto que é dado em termos de espaço e de tempo. (HOCK, 2010, p.86, citação e parágrafo acima)

O que se verifica, portanto, é um deslocamento [já citado] de tarefas das Ciências da Religião, que servem hoje “prioritariamente à interpretação da história humana moderna no contexto global”. (HOCK, 2010, p.73)

Hock aponta três vantagens da Fenomenologia de Estilo Novo: (1) ela pergunta pelas intenções dos fenômenos religiosos, o que evita que fenômenos distintos sejam agrupados, sem terem pontos comuns entre si, visto terem “intenções totalmente diferentes”; (2) ela pergunta pela interpretação subjetiva de sentido, o que implica dizer

que o fenômeno não tem uma qualidade inerente, objetiva, de ser religioso; são as interpretações que as tornam religiosas, podendo, o mesmo fenômeno, “ter, num determinado contexto, um sentido religioso para uns, mas não para outros”; 3) “a introdução do termo “intenção” como categoria chave facilita a pesquisa da religião relacionada com a contemporaneidade”, com transformação religiosa e novos movimentos religiosos, pois aqui se lida com “transformações nas “interpretações de sentido subjetivas” ” (HOCK, 2010, p.87-8). Moreira acrescenta que “a consciência não é coisa, mas aquilo que dá sentido às coisas. O sentido não se constata a maneira de uma coisa, mas se interpreta. É a consciência intencional que faz mundo aparecer como fenômeno, como significação [...]”. (MOREIRA, 2004, p.85)

Pensando, por fim, nas interações entre fenomenologia, interdisciplinaridade e unidade das ciências, uma aplicação pode ser citada, a título de exemplo da relevância dessas interações. É fato que “um abrangente projeto de pesquisa científico-religioso, de orientação interdisciplinar, dedica-se às relações entre “globalização” e “localização”, focalizando, por exemplo: (HOCK, 2010, p.89)

[...] a função [...] de religiões em processo de globalização, o efeito uniformizador exercido sobre religiões pela globalização ou também a diferenciação de religiões [...] e] o papel de religiões no contexto de migração e de diáspora. (HOCK, 2010, p.231)

Assim, pelo caráter da fenomenologia, particularmente a de estilo novo, tão afeito a articulações interdisciplinares, é preciso ter claro o objetivo de serem integrados os resultados das pesquisas fenomenológicas em Ciências da Religião, com os resultados das pesquisas das demais ciências.

### 2.3 TEORIA GERAL DOS SISTEMAS E UNIDADE DAS CIÊNCIAS

Ludwig von Bertalanffy define a teoria geral dos sistemas como “uma investigação científica de “conjuntos” e “totalidades””; sistemas que ele define como “complexos de elementos em interação”, que visam à fundamentação de “uma concepção básica do *mundo como organização*”, visto que, “para uma compreensão,

não bastam apenas os elementos, mas são necessárias suas inter-relações” (BERTALANFFY, 2008, p.14, 58). E acrescenta, em obra da década de 1970, que:

[...] só recentemente se tornou visível a necessidade e a exequibilidade da abordagem dos sistemas. A necessidade resultou do fato do esquema mecanicista das séries causais isoláveis e do tratamento por partes terem se mostrado insuficientes para atender aos problemas teóricos, especialmente nas ciências biossociais [...]. A viabilidade resultou de várias novas criações — teóricas, epistemológicas [...] que tornaram progressivamente realizável enfoque dos sistemas. (BERTALANFFY, 2008, p. 31)

Pierre Delattre, comentando a complexidade a que a teoria dos sistemas se dedica, propondo formulações teóricas e práticas com vistas a enfrentar os problemas teóricos acima citados, diz que a complexidade resulta das combinações dos fenômenos elementares (DELATTRE, 1981, p.69). Pombo completa:

Mais do que definir cada ciência pelo seu objecto de estudo, o que equivale a reforçar sua especialização, à teoria dos sistemas importa [...] tentar compreender o que liga as várias ciências entre si, o que há de comum entre elas, o que nelas se cruza e se transfere (DELATTRE, 1981, p.44)

Assim como as relações interdisciplinares buscam promover interações entre áreas de conhecimento com interesses afins, a respeito de determinado objeto de pesquisa, o conceito de sistema busca uma visão de unidade da ciência, apresentando-se como “instrumento útil” de reação à excessiva especialização da ciência. Além disso, tomando a “ciência social” em sentido amplo, Bertalanffy afirma que “a *ciência social é a ciência dos sistemas sociais*”; isto, considerando que a sociedade moderna tornou-se tão complexa “que meios e caminhos tradicionais já não bastam; há necessidade de abordagens de natureza holística ou sistêmica, generalista ou interdisciplinar”, pois, para compreensão de dado universo observado, não basta justapor seus elementos previamente isolados para observação; é necessário observar “suas inter-relações” (BERTALANFFY, 2008, p.14, 58, 248, grifo no original).

[...] temos a *filosofia dos sistemas*, isto é, uma reorientação do pensamento da concepção de mundo decorrente da introdução do “sistema” como novo paradigma científico (em contraste com o paradigma analítico, mecanicista, causal, numa só direção da ciência clássica) (BERTALANFFY, 2008, p.15)

A “articulação entre interdisciplinaridade e teoria dos sistemas”, portanto, traz uma nova dinâmica de relações no que concerne ao mapa das ciências, pensado à luz de “um modelo em rede”. A “teoria dos sistemas aparece assim como uma teoria geral da organização”. Trata-se de buscar a “formulação de uma visão unitária e sistemática de um setor mais ou menos alargado do saber” (POMBO, 2004, p.21, 38, 43, 45).

São ““sistemas” de várias ordens, não inteligíveis mediante a investigação de suas respectivas partes isoladamente”, que devem ser pensados à luz da “teoria da complexidade organizada”, como “princípio unificador”, cujos conceitos estão bem presentes nas “ciências biológicas, sociais e do comportamento”. Estas ciências pedem novos “modelos teóricos ampliados e generalizados”, que “são interdisciplinares”, pois se “aplicam a fenômenos em diversos domínios”. As Ciências Sociais têm a particularidade de tratar de “sistemas socioculturais”, com seres humanos no “universo da cultura criado por eles”. Além disso, “o homem tem valores que [...] transcendem a esfera do mundo físico” e “está envolvido por um universo de *símbolos*”, como os do “estado social, leis, ciência, arte, moral, religião”. Essas constatações tornam-se particularmente relevantes quando se considera que esses sistemas situam-se “nos campos biológico, sociológico e do comportamento”, nos quais havia “problemas predominantes desprezados pela ciência clássica, ou melhor, que não eram levados em consideração”. (--, p.59, 62, 76, 129, 131, 251, grifos no original)

Entretanto, ainda segundo Bertalanffy, “novas ciências surgiram, as ciências da vida, do comportamento e da sociedade”, exigindo “o lugar que lhes compete em uma moderna concepção de mundo e seriam capazes de contribuir para uma reorientação fundamental”. É a “mudança de clima intelectual que permite ao indivíduo ver novos problemas previamente despercebidos ou ver os problemas segundo uma nova luz” (BERTALANFFY, 2008, p.138, 239).

As novas disciplinas vieram abrindo espaço; a situação fica incontestemente em face de um mapa das ciências sistêmico e em rede, concebido conforme os parâmetros epistemológicos propostos pelas teorias da interdisciplinaridade e dos sistemas complexos; nesse mapa, as relações interdisciplinares são interativas e não, hierarquizadas; além disso, os paradigmas de objeto e método, e as relações sujeito – objeto adquirem concepções metodologicamente adequadas ao campo das Ciências Humanas, concepções essas não sujeitas aos ditames científicistas.

Nesse panorama, o conceito de Homem surge como “problema científico central, não apenas das ciências humanas e sociais, mas de todas as ciências”, reforçando, desse modo, a relevância do “contributo [...] que todas as ciências sociais podem dar para a compreensão dos homens na variedade das suas relações”. Trata-se de reconhecer o Homem “não apenas como *sujeito*, mas como *objeto* de todas as ciências”, na sua condição de “sujeito histórico concreto”. Pombo reporta-se ao comentário de – Bertalanffy, segundo quem “esta nova “imagem do homem”, [...] reconhecendo a especificidade da cultura humana [...] deve levar a uma fundamental reavaliação [...] das atividades humanas em geral” (POMBO, 2004, p. 53, grifos no original; 248) e diz que:

[...] o homem não é só um animal político, mas é antes e acima de tudo um indivíduo. Os valores reais da humanidade não são aqueles que ela tem em comum com as entidades biológicas, [...] mas os que derivam do espírito individual. A sociedade humana não é uma comunidade de formigas [...]. A sociedade humana é baseada nas realizações do indivíduo (POMBO, 2004,p.80-1).

Diante desse contexto multifacetado, particularmente das Ciências Humanas, verifica-se que, “mais do que definir cada ciência pelo seu objeto de estudo, o que equivale a reforçar a sua especialização”, a teoria dos sistemas busca identificar “princípio unificadores das ciências particulares” [...], ampliando, assim, o “domínio de aplicação de métodos e modelos”, bem como “instrumentos conceituais utilizáveis pelas diversas disciplinas”. (POMBO, 2004, p. 44).

Delattre, citado por Pombo, reforça essa posição, dizendo que “o *caráter interdisciplinar da teoria dos sistemas* implica o estudo e a comparação dos métodos e dos conceitos utilizados nas diversas disciplinas, a fim de por a descoberto [...] uma linguagem mais ou menos unificada”. Sem o propósito de buscar metalinguagem, trata-se de uma síntese parcial que visa a “tentar precisar as bases comuns e as diferenças dos diversos dialetos produzidos pela especialização, procurando [...] enriquecer umas através das outras”. A teoria dos sistemas, por “seus *objetivos interdisciplinares*, exige a comparação e a síntese de formalismos utilizados nas diversas disciplinas”, buscando apurar a “possibilidade de *transpor*” métodos de um “domínio de investigação” para outros: “É justamente aí”, diz Delattre, “que reside o interesse principal das investigações interdisciplinares, que perderiam uma grande parte da sua significação se



não sublinhassem o caráter da reciprocidade das trocas”. (DELATTRE, 1981, p. 23-4, 26, 87, grifo nosso)

É aí também que se coloca uma nova concepção de unidade das ciências. Pombo destaca a “unificação do conhecimento pela performatividade”, ou seja, “a transferência dos dispositivos de unidade do conhecimento da esfera dos objetos, das teorias, dos paradigmas ou dos métodos, para a das práticas”; é nesse âmbito que a “unidade da ciência se elabora e é definitivamente posta à prova”. (POMBO, 2004, p.153)

### **2.3.1 Práticas interdisciplinares**

O reordenamento do mapa das ciências, que decorre da constante emergência de novas disciplinas, característica da interdisciplinaridade, decorre da “estabilização institucional e epistemológica de rotinas de cruzamento de disciplinas”. (POMBO, 2004, p. 75). O assunto pertine a estas reflexões por revelar e reforçar as alterações conceituais e estruturais já referidas, que têm ocorrido no mapa das ciências, considerando suas resultantes quanto à locação e cientificidade das Ciências da Religião, como disciplina integrante das Ciências Humanas e, mais estritamente, no âmbito das Ciências Sociais.

Pombo distingue três tipos de novas ciências: (1) *ciências de fronteira*, novas disciplinas constituídas nas interfaces de duas disciplinas tradicionais, no âmbito interno das ciências da natureza (ex.: Biofísica) ou das ciências sociais e humanas (ex.: Psicolinguística); no cruzamento das ciências da natureza e das ciências sociais e humanas (ex.: Biologia Social), ou das ciências naturais e disciplinas técnicas (ex.: Engenharia Genética). (2) *interdisciplinas*, surgem do cruzamento de várias disciplinas com o campo industrial e organizacional, tais como as Relações Industriais e Organizacionais e Psicologia Industrial; (3) *interciências*, disciplinas constituídas na confluência de várias disciplinas de diferentes áreas de conhecimento, como a Ecologia e as Ciências Cognitivas. (POMBO, 2004, p.75-7)

As interciências são constituídas por “um conjunto de investigações que têm origem em cinco disciplinas dominantes”: psicologia, linguística, filosofia, inteligência artificial e as neurociências, e um “conjunto muito mais amplo que, conforme os casos e as exigências dos problemas em estudo, pode incluir [...] programas de investigação

provenientes” das ciências da natureza, da lógica e das ciências matemáticas, das engenharias, das ciências humanas e de especialidades de fronteira. (POMBO, 2004, p.78).

Como se verifica, as relações interdisciplinares, no que diz respeito às práticas interdisciplinares, não são estanques; são dinâmicas; são sempre um “acontecimento de âmbito local” (POMBO, 2004, p.24). Daí advém a já citada capacidade de fecundação mútua das disciplinas, nesses procedimentos de investigação científica. Ademais, essas interações vêm “com *estatuto de inovação e de mudança*”, bem como “o progresso de certas ciências, com objetos semelhantes [...] revela-se um fator decisivo para [...] uma *redefinição dos objetos, dos métodos e da orientação teórica, segundo novos critérios*”. (JAPIASSU, 1976, p. 99, 111, grifos conforme o original).

Pombo diz que “a interdisciplinaridade existe sobretudo como *prática*” e propõe uma tipologia não exaustiva dessas práticas de investigação científica. A tipologia revela o amadurecimento da teorização da dinâmica das inter-relações disciplinares, no exercício das capacidades contributivo-tributárias de cada disciplina. São elas:

(1) *Práticas de importação*: consistem na “cooptação, a favor da disciplina “importadora”, de conceitos, métodos e instrumentos já provados noutras disciplinas”, o que pode inclusive dar “origem a um regime de trocas” e à emergência de “novas disciplinas de fronteira”.

(2) *Práticas de cruzamento*: trata-se de problemas que, tendo origem em uma disciplina, “irradiam para outras”, por se mostrarem irreduzíveis à lógica “das disciplinas do saber”.

(3) *Práticas de convergência*: caracterizam-se pela “*convergência de perspectivas* em torno de um determinado objeto de análise”, que “não implica modificações estruturais nas disciplinas envolvidas”.

(4) *Práticas de descentração*: têm origem na “irrupção de problemas impossíveis de reduzir às disciplinas tradicionais”, caso em que a interdisciplinaridade pode dar origem a “novos arranjos disciplinares”.

(5) *Práticas de comprometimento*: visam a questões vastas e difíceis, “sejam elas acerca da origem das partículas da vida, da sociedade, ou do cosmos; [...] acerca do

sentido, da existência, do ser humano, do parentesco ou dos símbolos”; o que se busca não é “apenas trocar informações ou confrontar métodos, mas fazer *circular* um saber”. (POMBO,2004, 92-7).

Nessa nova abordagem, o que se verifica é que a visão estritamente especializada dos paradigmas de objeto e método, e de um mapa das ciências hierarquizado e compartimentalizado, dá lugar a uma concepção adequada à natureza interdisciplinar das Ciências Humanas, dentre elas, as Ciências da Religião. Nessa concepção, o mapa das ciências é sistêmico e em rede; os objetos de cada disciplina são de interesse multidisciplinar; os métodos são compartilhados conforme os interesses de cada pesquisa; a dinâmica da articulação entre as disciplinas, incluindo as práticas de investigação, visa à fecundação recíproca.

## 2.3 CONTRIBUIÇÕES DO CAPÍTULO 2

Destacar alguns aspectos do que foi visto neste capítulo será útil para localizar com mais clareza a posição das Ciências da Religião nesse novo contexto epistemológico. Quatro conjuntos de subtemas foram abordados, além das considerações sobre a disciplina Ciências da Religião propriamente dita.

1º. Cientificidade e especialização: Viu-se o reconhecimento da significação cognitiva das Ciências Humanas, mediante transformação epistemológico-teórica e paradigmática, substituindo a rígida aplicação dos parâmetros cientificistas das Ciências Exatas, por uma aplicação adequada à natureza interdisciplinar e às características de complexidade das Ciências Humanas. Nessa esteira, veio o tema da reação contra a fragmentação do saber, decorrente da excessiva especialização; tal reação deu-se mediante o contributo da interdisciplinaridade e da integração dos saberes, que a interdisciplinaridade traz em seu bojo.

2º. Interdisciplinaridade e Teoria dos Sistemas: A interdisciplinaridade, pela dinâmica de articulação dos atos de conhecer que promove, amplia a percepção dos campos de pesquisa, pelo fato de cobrir áreas de conhecimento não alcançadas pelas

disciplinas isoladamente. Suas principais características são a fecundação recíproca entre as disciplinas e o decorrente desenvolvimento integrado das mesmas, gerando unificação dos saberes.

A inter-relação entre Interdisciplinaridade e Teoria dos Sistemas Complexos abarca com propriedade o assunto da complexidade epistemológica e metodológica das Ciências Humanas. A Teoria dos Sistemas trabalha com um modelo em rede do mapa das ciências, buscando princípios unificadores entre os saberes. Trata-se de investigar o fenômeno humano, tendo o Homem como problema científico central; por se tratar de objeto complexo, adota-se a investigação científica de conjuntos. A Teoria dos Sistemas tem, por natureza, caráter e objetivos interdisciplinares, além de transpor métodos entre domínios de conhecimento.

3°. A relação sujeito/objeto e o papel do pesquisador: Enfoca a questão do benefício, ou não, do envolvimento subjetivo do pesquisador com o objeto da pesquisa, em confronto com a postura de declarada indiferença ao tema dos que rejeitam a possibilidade de se realizar uma pesquisa científica sem total neutralidade. O que se argumenta, entretanto, é que nenhum pesquisador é capaz de ter absoluta neutralidade e objetividade em face do seu objeto de pesquisa; isto, levando-se em consideração os condicionamentos e cosmovisões do próprio pesquisador, as quais implicam necessariamente opções valorativas. O que se busca, então, é a objetivação.

4°. Considerações metodológicas: A transposição de metodologias, patrocinada pela Interdisciplinaridade e pela Teoria dos Sistemas, é estratégica para o desenvolvimento dessa interação interdisciplinar, visto que a metodologia vem acoplada à natureza do objeto pesquisado. Se o objeto é de interesse interdisciplinar, a metodologia também tem de ser compartilhada.

## 2.4 CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NESSE PANORAMA EPISTEMOLÓGICO

A primeira constatação, após todas essas considerações, é a da “capacidade da Ciência da Religião de estabelecer conexões interdisciplinares”, bem como do “potencial” e da “competência da Ciência da Religião de se confrontar crítica e dinamicamente com novas perguntas, novos métodos e determinações de objetivos, o

que faz que ela se comprove como uma ciência autoafirmada [...]”. (HOCK, 2010, p.237)

O que se viu acerca do potencial de interação das Ciências da Religião, por exemplo, com a Sociologia, chegando a ponto de constituir a subdisciplina Sociologia da Religião, atesta a capacidade de promover diálogo inter-religioso e cultural, bem como o amplo interesse que seu objeto representa para as mais diversas disciplinas, especialmente no campo das Ciências Sociais.

Como legítima integrante das Ciências Humanas e ciência autoafirmada, a disciplina Ciências da Religião: (1) investiga o fenômeno humano, que configura objeto complexo, de natureza e interesse interdisciplinar; (2) pela natureza interdisciplinar de seu objeto, é afeita à transposição de métodos; o método fenomenológico investiga a essência do fenômeno religioso, núcleo do objeto especializado da disciplina, enquanto a Fenomenologia de Estilo Novo, por pesquisar cosmovisões, propicia farto material para apreciação do objeto sob o viés da interdisciplinaridade.

A natureza interdisciplinar das Ciências da Religião é atestada, de início, pela constituição de seu campo disciplinar. A ampla interação do objeto das Ciências da Religião com as demais disciplinas das Ciências Sociais acabou por exigir e gerar as subdisciplinas que cobrem as áreas de interação desse campo de conhecimento, de modo especializado. A dinâmica dessa interação, nas Ciências da Religião, decorre da articulação entre a capacidade teórico-metodológica, que estuda o núcleo do objeto especializado, com a capacidade tributário-contributiva, que estuda seu objeto sob o ponto de vista dos interesses interdisciplinares.

É de se destacar o fato de que a Fenomenologia de Estilo Novo propicia interpretações subjetivas de sentido, o que facilita as pesquisas relacionadas com a contemporaneidade, palco de um exacerbado culto ao individualismo. Isso, sem prejuízo das pesquisas dedicadas à essência do fenômeno religioso, pertinente ao núcleo do objeto especializado das Ciências da Religião.

Ademais, constata-se que a mesma está integrada no mapa das ciências constituído pelos parâmetros dos sistemas em rede, considerando que: (1) se trata de uma ciência autoafirmada, repita-se, com cientificidade adequada às características e natureza das demais Ciências Humanas; (2) seu objeto é reconhecido pelas demais

ciências como de elevado interesse, inclusive de campos de conhecimento fora das Ciências Humanas, como se verá no terceiro capítulo; (3) a amplitude de interesses interdisciplinares que seu objeto desperta está ligada à capacidade de articulação dos atos de conhecer; (4) a mesma tem método próprio (ainda que tão polemizado) e, que, por sua natureza interdisciplinar, é afeita ao compartilhamento de métodos; (5) que as relações sujeito/objeto são vistas sob o ângulo da objetivação, inclusive por o fato religioso, como fenômeno, ser exterior à pessoa e, como acontecimento valorativo, ser interior (considerando que, nas Ciências Humanas, é difícil a desassociação entre os juízos de fato e os juízos de valor, além do fato de que não há critérios que garantam objetividade para todos).

O argumento central deste capítulo foi o da cientificidade das Ciências Humanas e, por consequência, das Ciências da Religião, à luz da Teoria da Interdisciplinaridade e da Teoria dos Sistemas complexos.

As interações interdisciplinares, em torno do objeto “religião”, nas pesquisas científicas, são tema do capítulo 3.

### 3. REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES SOBRE RELIGIÃO E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NA PESQUISA ACADÊMICA NO BRASIL

“A sociedade humana é um sistema composto de uma rede de quatro subestruturas”; três são sistemas de disposições institucionalizadas: o primeiro ligado às disposições de procriação e aculturação; o segundo, ligado à produção e distribuição de bens e serviços; o terceiro, ligado às questões do poder coletivo. O quarto, diz Alan Índio Serrano, é o “sistema noético de pensamento, orientação de valores, arte, religião e funções rituais que são compartilhados e transmitidos e que canalizam a ação humana e suas respostas para esforços e realizações mais ou menos regulares e estáveis” (SERRANO, 2002, p. 12).

Essas quatro subestruturas são detectáveis nos resultados das pesquisas em tela, em que religião aparece como assunto de interesse quase tangencial, mas tão imbricado com o tema da pesquisa que não é possível ignorá-lo; aparece também, por óbvio, nas pesquisas em que o objeto propicia interesses interdisciplinares. Héctor Ricardo Leis dá conta de três conceitos de movimentos interdisciplinares: tratam-se dos movimentos francês, norte-americano e o brasileiro, emergente. O francês é “fixado em dimensões epistemológicas, dos saberes disciplinares e na racionalidade científica, que pode ser classificado de lógico racional, centrado na busca de significado”. O segundo é “associado à cultura científica norte-americana, de tipo metodológico, que remete a uma preocupação marcada pela lógica instrumental, orientada para a busca da funcionalidade social, portanto, profissionalizante”. (LEIS, 2010, p. 6-7)

O terceiro movimento está “associado a uma cultura científica brasileira emergente, que privilegia as dimensões humanas e afetivas, expressando uma lógica subjetiva, dirigida à procura do próprio ser”. “Curiosamente”, completa Leis, “nosso meio acadêmico atual [o texto é de 2005] é impactado fortemente pelo enfoque norte-americano” (LEIS, 2010, p.8). Leis reporta-se à classificação “oferecida por Lenoir & Hasni”, em “Para uma reestruturação Interdisciplinar das Ciências Sociais”, *Ambiente e Sociedade*, ano IV, nº 8, 2001. O movimento brasileiro, portanto, enfoca as dimensões humanas e afetivas, com a tônica da sua funcionalidade social.

Esse perfil surgirá das reflexões sobre a pesquisa acadêmica, em que se verificará a ocorrência do fenômeno citado no capítulo 2, retro, sobre a visão panorâmica que a interdisciplinaridade viabiliza, com a consequente designação de objetos novos de investigação. É como explica Leis (2010, p.6), segundo quem, “enquanto os programas disciplinares são fenômenos derivados da realidade existente, os interdisciplinares produzem a realidade que os contextualiza”. A variedade de áreas de conhecimento que se entrecruzam, como se pode apurar das pesquisas, mostrará isto como um fato.

### 3.1 O BANCO DE DADOS DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR DO GOVERNO FEDERAL - CAPES

Apuraram-se 156 teses de doutorado, no banco de dados da CAPES, no período de 1988 a 2009. Foram também selecionadas 30 teses no banco de dados da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, do período de 1998 a 2009. Trabalha-se primeiramente com os dados do banco de dados da CAPES; depois, especificamente com o da UMESP. As universidades citadas e respectivas siglas são:

- Fundação Osvaldo Cruz – FIOCRUZ
- Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro - IUPERJ
- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
- Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / Assis – UNESP-ASSIS
- Universidade de São Paulo – USP
- Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto – USP Ribeirão Preto
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
- Universidade Federal da Bahia - UFBA
- Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS



- Universidade Federal de São Carlos – UFISCAR
- Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
- Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP
- Universidade Federal Fluminense – UFF
- Universidade Gama Filho – UGF

A seleção por amostragem, na CAPES, elencou teses de doutorado que foram classificadas quanto a duas formas de tratamento do tema “religião”: primeiro, as teses em que religião é tema ou palavra-chave, em relação mais diretamente interdisciplinar.

O segundo grupo, o das teses em que a palavra “religião” restringe-se ao campo “resumo”, em interesse mais tangencial ao da respectiva tese; esta relação visa a complementar dados componentes do panorama de áreas de conhecimento em que se situam as teses de doutorado em Ciências da Religião.

Na tabela 1, a seguir, os campos são identificados como: relações interdisciplinares (dado estrutural), ou relações intertemáticas (dado tangencial). Os dois grupos são tematicamente confluentes em 8 das 11 áreas de conhecimento às quais pertencem. Isso revela que, diretamente ou indiretamente, o tema “religião” está imbricado no estudo do Homem como problema científico central, motivo pelo qual “religião” é de tão grande abrangência, conforme citado retro, e não há como ser ignorado.

Foi apurada a ocorrência de dois conjuntos de áreas de conhecimento: Ciências Humanas e Ciências da Saúde. Estas últimas interessam pela constatação da interatividade do fenômeno religioso com a saúde, e a inegável presença da religião como formadora dos perfis socioculturais e respectivas cosmovisões individuais que assomam nas crises de saúde.

As relações interdisciplinares e/ou intertemáticas informadas nas teses, entre o objeto “religião” e as áreas de conhecimento/disciplinas, em que se situa cada tese elencada, são facilmente detectáveis nos relatórios à CAPES. Essas relações, assim documentadas, surgem em reforço à proposição de que as mesmas estão presentes, sejam reconhecidas ou não.

As teses são orientadas pela abordagem sociológica, com uma exceção, representada pela tese em Psicologia Clínica, *Religare, uma cartografia da fé*, de Maria da Graça Chmna Ferraz Ferraz; das teses pesquisadas, esta é a única que declara, no “resumo”, trabalhar com o conceito de fenômeno religioso e fenomenologia. O modelo hermenêutico da explicação, apesar de não informado no relatório, apresenta-se pela abordagem a partir de manifestações sócio-antropológicas e históricas, exigindo, por definição conceitual, “objeto com estrutura própria”, cujo “dado deve comportar os dados elementares subjacentes”. (FILORAMO e PRANDI, 1999, P.8-12)

A informação relevante aqui é a da articulação do tema “religião” com outras áreas de conhecimento, a partir de uma ótica externa ao campo disciplinar das Ciências da Religião.

Tabela 1

Confluências de disciplinas em relações interdisciplinares ou intertemáticas

Relações Interdisciplinares: Dado estrutural	Relações intertemáticas: Dado tangencial
Ciências da Saúde: Enfermagem, Psicologia, Psicologia Clínica, Psiquiatria e Psicologia Médica	Ciências da Saúde: Psicologia
Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia, Sociologia da Religião, Sociologia Política	Ciências sociais
Comunicação: Música	Comunicação: Artes, Música
Educação	Direito
Educação Física	Educação
	Educação Física
	Engenharia de Produção
	Filosofia
Geografia Humana	Geografia
História: História da Cultura, História Social	História
Letras, Literatura	Letras, Literatura

No agrupamento das 156 teses por disciplinas, as de maior quantidade de ocorrências são:

- Ciências Sociais: 49 teses, de 1988 a 2009, com maior incidência no período de 1997 a 2009.
- História: 26 teses, de 1990 a 2009, distribuídas ao longo de 1996 a 2009.

As de média quantidade de ocorrências são:

- Ciências da Saúde: 18 teses, de 1994 a 2009, com maior incidência no período de 1997 a 2005. Em Psicologia, especificamente: 10 teses, distribuídas ao longo de 1994 a 2006.
- Letras / Hermenêutica: 16 teses, distribuídas ao longo do período de 1990 a 2008.
- Educação: 14 teses, distribuídas ao longo de 1993 a 2009.
- Filosofia: 9 teses, de 1990 a 2006, com maior incidência no período de 2001 a 2006.
- Comunicação: 8 teses, de 1993 a 2006, com maior incidência em 2000.

As de baixa quantidade de ocorrências são:

- Artes e música: 2, em 2001 e 2006.
- Direito: 1, em 1990.
- Educação Física: 1, em 2005.
- Engenharia da Produção: 1, em 1994.
- Geografia: 1, em 1994.

### **3.1.1 Relação de teses: Religião como dado estrutural da pesquisa**

Dentre as 156 teses e seus temas, pesquisadas na CAPES, foram selecionadas 29 para a reflexão disciplinar temática, com foco nas teses da CAPES em que “religião” aparece como dado estrutural de pesquisa. As teses estão elencadas em ordem alfabética, por disciplina. Em “assunto” destacam-se aspectos de interesse para este estudo.

1) USP – Antropologia– 1º/04/1991

Título: *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*

Autor: Sérgio Figueiredo Ferretti

Assunto: sincretismo com o Catolicismo e outras religiões; falta de fronteiras nítidas entre sincretismo e tradição.

2) USP – Antropologia Social – 1º/12/1992

- Título: *Num tempo e num espaço, fora do tempo e do espaço: um estudo [do] ciclo junino em Piracicaba, São Paulo*  
Autora: Maria Cecília Crespim Coimbra  
Assunto: festas religiosas do Catolicismo popular.
- 3) USP – Ciências da Comunicação – 1º/08/2000  
Título: *Religiosidade e mídia eletrônica: a mediação sócio-cultural-religiosa e a produção de sentido na recepção de televisão*  
Autor: Attilio Ignácio Hartmann  
Assunto: “a explosão da religiosidade na mídia eletrônica”.
- 4) USP – Ciências da Comunicação – 1º/10/1993  
Título: *Editoração evangélica no Brasil. Troncos, expoentes e modelos*  
Autor: Ephraim de Figueiredo Beda  
Assunto: a religião como “fonte abundante de textos”.
- 5) PUC/SP – Ciências Sociais – 1º/10/1992  
Título: *Trabalhadores protestantes urbanos: religião e ética do trabalho*  
Autora: Oneide Bobsin  
Assunto: declínio da influência da religião na ética do trabalho, no discurso de trabalhadores luteranos e pentecostais.
- 6) PUC/SP – Ciências Sociais – 1º/12/1997  
Título: *Religião e pós-modernidade: as alterações recentes do campo religioso brasileiro*  
Autor: José Rubens Lima Jardim  
Assunto: as mudanças sociais e a dinâmica do fenômeno religioso.
- 7) PUC/SP – Ciências Sociais – 1º/06/2001  
Título: *Moradas de Deus, representação arquitetônica do espaço sagrado entre protestantes e pentecostais*  
Autor: Edin Sued Abumanssur  
Assunto: “o espaço sagrado tal como é percebido pelos protestantes e pentecostais nas grandes metrópoles”.

## 8) PUC/SP – Ciências Sociais – 1º/05/2006

Título: *Mulheres em revista: uma sociologia da compreensão do feminino no Brasil presbiteriano*

Autor: Breno Martins Campos

Assunto: a exclusão das mulheres, do oficialato ordenado, na Igreja Presbiteriana do Brasil.

## 9) UNICAMP – Educação – 1º/12/1996

Título: *Instituição da subjetividade moderna: a contribuição de Inácio de Loyola e Martinho Lutero*

Autor: Cezar de Alencar Arnaut de Toledo

Assunto: a formação da pedagogia moderna e da economia da religião, como resultado da atuação dos pensadores em título, respectivamente.

## 10) USP – Educação – 1º/06/1996

Título: *De donzela angelical a esposa dedicada... A profissional da educação...*

Autora: Lusia Ribeiro Pereira

Assunto: os aspectos simbólicos presentes nos rituais escolares, cunhados no campo religioso; a história da educação dos sujeitos sociais; a educação feminina orientada por colégios religiosos.

## 11) PUC/SP – Educação (supervisão e currículo) – 1º/10/1997

Título: *Pentecostismo e construtivismo: a construção de autonomia do sujeito na prática pedagógica de educadores pentecostais. Estudo de caso de uma escola de Ensino Fundamental da Assembléia de Deus*

Autora: Maria Antonieta Albuquerque de Oliveira

Assunto: interface educação e religião.

## 12) UGF – Educação Física – 1º/09/2005

Título: *“Um só coração e uma só alma”*: as influências da ética romântica na intervenção educativa salesiana e o papel das atividades corporais

Autor: Carlos Nazareno Ferreira Borges

Assunto: “Razão e Religião têm estado relacionadas na História da Educação”; a proposta educacional salesiana.

13) USP – Enfermagem – 1º/03/1999

Título: *Espaços de representação da loucura: religião e psiquiatria*

Autora: Ana Lúcia Machado

Assunto: o sujeito doente mental e sua busca de ajuda, no cotidiano, na interação entre Psiquiatria e Religião.

14) USP – Geografia Humana – Geografia da Religião – 1º/05/1994

Título: *Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense*

Autora: Zeny Rosendahl

Assunto: o papel do sagrado e do profano na organização espacial de Porto das Caixas.

15) UFF – História – 1º/08/2000

Título: *Identidades franciscanas no Brasil: a província da Imaculada Conceição entre a restauração e o Concílio Vaticano II*

Autor: Edson Armando Silva.

Assunto: os “sentidos produzidos nas experiências dos frades em suas dinâmicas de inserção na sociedade brasileira”.

16) UFRGS – História – 1º/05/2007

Título: *Diplomacia e Religião: encontros e desencontros nas relações entre a Santa Sé e a República Popular da China (1949-2005)*

Autora: Anna Carletti

Assunto: os eventos histórico-político-religiosos que levaram ao rompimento diplomático entre China e Vaticano.

17) USP – História Social – 1º/06/1992

Título: *O cajado da ordem: Catolicismo e projeto político no Rio Grande do Sul; D. João Becker*

Autor: Artur Cesar Isaia

Assunto: a religião em perspectiva social, como fenômeno empírico e produto da atividade e da consciência humana, sem abordagem valorativa quanto à sua realidade ontológica.

18) UNICAMP – História Social da Cultura – 1º/06/1997

Título: *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)*

Autora: Beatriz Teixeira Weber

Assunto: as diversas artes de curar, atuantes “em um Estado onde os princípios de liberdade profissional e religiosa eram assegurados pela Constituição positivista”.

19) UFRJ – Letras – 1º/06/2002

Título: *O pacto da memória: interpretação das fontes bíblica e talmúdica*

Autora: Cláudia Andrea Prata Ferreira

Assunto: as fontes citadas como “projeto de construção da memória, a partir de uma tradição oral e escrita”, constituindo “elemento essencial na construção da identidade do “povo do livro””.

20) USP – Literatura Brasileira – 1º/04/1990

Título: *Os caminhos da salvação: modos de ver e de compor em os jagunços de Afonso Arinos*

Autor: Adilson Odair Citelli

Assunto: Canudos e o fenômeno religioso ocorrido às margens do rio Vaza-Barris

21) UFBA – Música – 1º/07/2001

Título: *Mundos diversos: um estudo do canto participativo na Romaria de Canudos*

Autora: Eurides de Souza Santos

Assunto: “a música no contexto religioso sertanejo”, apresentando “uma etnografia cultural da romaria”.

## 22) PUC/SP – Psicologia Clínica – 1º/11/1994

Título: *Religare, uma cartografia da fé*

Autora: Maria da Graça Chmma Ferraz Ferraz

Assunto: a fé religiosa no “cotidiano de um seminário diocesano”; a “Fenomenologia da Religião”, “a posição existencial da fé” e um “novo estatuto do objeto transcendente”.

## 23) USP – Ribeirão Preto – Psicologia – 1º/07/2003

Título: *A vida pela ótica da esperança: um estudo comparativo sobre a Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Internacional da Graça de Deus*

Autora: Ana Keila Pinezi

Assunto: compreender e interpretar como os dois grupos evangélicos citados constroem a noção de futuro e esperança e como a doutrina religiosa interfere na vida prática dos adeptos desses dois grupos.

## 24) UFSP – Psiquiatria e Psicologia Médica – 1º/09/1994

Título: *Estudo sobre as práticas religiosas e sua relação com a saúde mental de idosos: um estudo na comunidade*

Autora: Adriana Said Daher Baptista

Assunto: a influência da prática religiosa na saúde mental de idosos que vivem em comunidade localizada em área urbana.

## 25) UFPE – Sociologia – 1º/05/1989

Título: *Religion and coping with poverty in Brasil*

Autora: Cecilia Loreto Mariz

Assunto: na relação religião e pobreza, como alguns grupos religiosos “oferecem ao pobre instrumentos econômicos, políticos e motivacionais que facilitam a solução de carências materiais”.

## 26) PUC/SP – Sociologia Urbana e Sociologia da Religião – 1º/09/1992

Título: *O Deus fragmentado: religiões e condições de vida em camadas de baixa renda*

Autor: Giorgio Paleari



Assunto: estudo em uma favela em São Paulo, sobre a “relação entre as condições reais de vida e universos religiosos, e a interligação destes últimos como imaginário social”.

27) IUPERJ – Sociologia – 1º/11/1999

Título: *Valores religiosos na construção da cidadania. Estudo comparativo Brasil – Estados Unidos*

Autora: Angela Maria Randolpho Paiva

Assunto: análise comparativa entre os valores religiosos do Catolicismo e do Protestantismo em dois contextos sociopolíticos.

28) USP – Sociologia Política – 1º/11/2002

Título: *Secularização, pluralismo religioso e democracia no Brasil – um estudo sobre a participação dos principais atores evangélicos na política*

Autor: Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca

Assunto: na relação religião e política e no ambiente de crescimento evangélico, este pode ser visto como ameaça à democracia, pela união entre religião e política; por outro lado, essa inserção pode favorecer uma paradoxal consolidação democrática brasileira, por contribuir para a secularização e o pluralismo religioso da sociedade brasileira.

29) UFSC – Sociologia Política – 1º/03/2004

Título: *Uma sagarana para o lugar do fenômeno religioso na modernidade contemporânea: horizontes de religiosidade em Florianópolis*

Autora: Brenda Teresa Porto de Matos

Assunto: “o lugar da religião no contexto da modernidade contemporânea”; “o fenômeno religioso não está descolado dos demais aspectos da condição humana”, em uma interação “entre a esfera religiosa e as demais esferas axiológicas da modernidade”.

### 3.1.2 Relação de Teses: Religião como dado tangencial à pesquisa

Dentre as 156 teses e seus temas, pesquisadas na CAPES, foram selecionadas 15 para a reflexão disciplinar temática, com foco nas teses da CAPES em que “religião” aparece como dado tangencial à pesquisa. As teses estão elencadas em ordem alfabética por disciplina, com informação da abordagem do tema “religião” em cada uma.

1) UFRGS – Ciência Política - 1º/08/2005

Título: *Em busca da Modernidade: a trajetória do pensamento hispano-americano no século XIX*

Autor: Antonio Carlos de Faria Pinto Peixoto.

Religião: “o conservadorismo reafirmava o primado da religião sobre a ordem civil”

2) PUC/SP – Educação – 1º/12/1993

Título: *Reconsiderando a questão do método em educação na perspectiva da interdisciplinaridade*

Autora: Regina Bochiak Pereira.

Religião: “hoje já se aceita [como] alternativa possível para explicar a realidade”.

3) UFSCAR – Educação – 1º/05/2003

Título: *Grandeza pelo trabalho: formação de trabalhadores e cultura do trabalho em Jaraguá do Sul*

Autor: Ademir Valdir dos Santos

Religião: o papel da religião, além da família e da escola, “na trajetória formativa dos sujeitos”.

4) USP – Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – 1º/06/2005

Título: *Uma praia ainda imaginada*

Autora: Cielo Giselda Festino.

O tema aborda literatura indo-inglesa, em um estudo sobre relações entre linguagem e determinações sociais. Religião como elemento de análise da tensão entre grupos religiosos.

5) UFRJ – Engenharia de Produção – 1º/11/1994

Título: *A modernidade ibérica e a revolução científica do século XVII*

Autora: Beatriz Helena Domingues Bitarelo.

Religião: a revolução científica, na Península Ibérica, no século XVII, não aconteceu nos termos europeus, visto que Espanha e Portugal permaneceram “praticamente intocados pela Reforma Protestante, ou pelo Renascimento em sua forma italiana”.

6) UNICAMP – História – 1º/12/2007

Título: *Moeda e poder em Roma: um mundo em transformação*

Autor: Cláudio Umpierre Carlan.

Religião: análise, em um estudo das funções da moeda, das representações dos governantes, inclusive as religiosas, dentre outras, além do fato histórico da ascensão do Cristianismo como religião oficial do império.

7) USP – História Social – 1º/10/2002

Título: *O modelo político da autocracia bizantina: Fundamentos ideológicos e significado histórico*

Autor: Celso Taveira.

Religião: a autocracia bizantina concebida segundo o direito romano e a religião cristã.

8) USP – Letras – 1º/06/1992

Título: *Os prenomes dos descendentes de alemães em Curitiba*

Autor: João Udo Siemens

Religião: influência na escolha dos prenomes, aliada a “fatores estético-eufônicos”, além dos fatores do “contexto sociopolítico”.

9) USP – Medicina/Pediatria – 1º/08/2003

Título: *Fracasso escolar e condições de vida em crianças de 7 a 10 anos de idade, Sobral, Ceará*

Autora: Ana Cecília Silveira Lins Sucupira

Religião: dado integrante da análise do grupo pesquisado.

10) PUC/SP – Psicologia (Social) – 1º/10/1994

Título: *Cotidiano e emoções no processo saúde-doença. Análise psicossocial da hipertensão essencial*

Autora: Sueli Terezinha Ferreira Martins

Religião: por um lado, a religião possibilita “espaço para relações sociais”; por outro, “atua como controladora de emoções”.

11) UNICAMP – Saúde mental – 1º/09/1995

Título: *Identificação de características dos membros da equipe de emergência e seus pontos de vista referentes aos pacientes “problemas”: uma contribuição para o aprimoramento da relação interpessoal*

Autor: Filho José Francisco.

Religião: um dos elementos de identificação do público pesquisado.

12) FIOCRUZ – Saúde Pública – 1º/04/2002

Título: *Pessoas muito especiais: a construção social do portador de deficiência e a reinvenção da família*

Autora: Fátima Gonçalves Cavalcante

Religião: “as famílias e seus filhos foram estudados na vida cotidiana e no acesso a bens e serviços (saúde, educação, habitação, lazer, religião)”.

13) USP – Sociologia – 1º/09/1992

Título: *O novo proletariado industrial de Manaus e as transformações sociais possíveis (estudo de grupo de operários)*

Autor: João Pinheiro Salazar

Religião: um dos elementos integrantes dos testemunhos colhidos junto ao público entrevistado, na apuração das condições de adaptação do imigrante e suas estratégias de sobrevivência.

### 3.2 O BANCO DE DADOS DA UMESP: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A disciplina Ciências da Religião integra a área de conhecimento de “Teologia”, na UMESP. Por isso, para que se viabilize a apuração das confluências temáticas, estas teses estão elencadas conforme a temática interdisciplinar predominante, informada no conjunto de campos, do relatório da CAPES, de “tema-descrição-palavra-chave”. Em “assunto”, novamente, destacam-se aspectos de interesse para este estudo. O material foi selecionado, elencando-se 30 do total de teses do banco de dados da UMESP.

Dentre os dados para as reflexões interdisciplinares aqui propostas, resalte-se o assunto da multiplicidade metodológica natural nas pesquisas interdisciplinares. É interessante lembrar a predominância da proposta metodológica hermenêutica do modelo da compreensão, que se objetivou aplicar nestas teses, por princípio. Este modelo, segundo Filoramo e Prandi, apresenta-se como técnica psicológica capaz de reviver o núcleo experiencial no qual se revela a essência do fenômeno religioso (FILORAMO e PRANDI, 1999, p. 8-12).

Mas as teses não se enquadram todas nesse modelo, pela própria estrutura interdisciplinar das mesmas. Assim, volta-se a questão para a proposta metodológica da integração, que, ainda segundo Filoramo e Prandi (1999, p.8-12), é a de superar a contraposição entre explicação e compreensão, de modo a se aplicarem as metodologias conforme exigido em cada pesquisa. Ou seja, busca-se, à luz do tema “religião”, apurar e compreender o fenômeno religioso em si mesmo, bem como suas interações sócio-antropológicas, históricas e psicológicas, conjugadas ou não, como na tese elencada sob nº 18, na relação a seguir, a qual articula as interfaces de fenômenos culturais, religiosos e econômicos.

A relação de teses selecionadas no banco de dados da UMESP está classificada em ordem alfabética, por área de interação interdisciplinar.

## 1) Ciências da Saúde – Religião e Saúde - 1º/07/2002

Título: *Religião e epilepsia: a visão interpretativa religiosa das mães das crianças com epilepsia*

Autora: Lucy Campos Piccinin

Assunto: a epilepsia vista como fenômeno do campo religioso e da saúde; as mães em busca de uma religiosidade mágica e o trânsito religioso em busca de apoio e consolo.

## 2) Ciências da Saúde – Religião e Saúde – 1º/12/2004

Título: *Religião e Saúde: um estudo a respeito das representações do fiel carismático sobre os processos de recuperação de enfermidade nos grupos de oração da RCC [Renovação Carismática Católica] em Maringá, Paraná*

Autora: Darci Aparecida Martins

Assunto: o grupo de oração como lugar de valorização, cuidado humano, e espaço de aproximação com o sagrado; a religião conferindo significados que atuam de forma terapêutica; a religião como recurso e sistema de motivação no processo de enfrentamento da doença.

## 3) Ciências da Saúde – Religião e Saúde – 1º/10/2004

Título: *Espiritualidade inaciana e Alcoólicos Anônimos – uma análise da espiritualidade dos doze passos dos Alcoólicos Anônimos à luz dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, com vistas à práxis religiosa*

Autora: Sonia Maria Cintra G. Ferreira

Assunto: uma forma original de união entre Medicina e Religião; o modelo que acentua o elemento espiritual permeando a experiência da irmandade.

## 4) Ciências Sociais – Antropologia – 1º/06/1998

Título: *Cotidiano Sagrado e Religião sem nome - Religiosidade Popular e Resistência Cultural*

Autora: Nancy Cardozo Pereira

Assunto: a religião numa abordagem antropológica; estudo literário em II Reis 2-13; conjunto de narrativas da vida cotidiana do povo.

5) Ciências Sociais – Antropologia – 1º/03/2001

Título: *Identidade, etnicidade e religião dos imigrantes eslavos no Paraguai*

Autor: Roberto Zub Kurylowicz

Assunto: a imigração no Paraguai e o processo de conformação sociopolítica e religiosa nos municípios de Carmen del Paraná e Fram.

6) Ciências Sociais - Antropologia – 1º/04/2007

Título: *Para uma poética da vitalidade: Religião e Antropologia na escritura machadiana (uma leitura de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis)*

Autor: Douglas Rodrigues da Conceição

Assunto: o tema da religião e suas implicações para o ser humano machadiano.

7) Ciências Sociais – Cultura – Composição Musical - 1º/04/1998

Título: *Teologia e MPB – um estudo a partir da Teologia da Cultura em Paul Tillich*

Autor: Carlos Eduardo Brandão Calvani

Assunto: Teologia da Cultura, que estuda e analisa as diversas manifestações que compõem a cultura de um povo; procura-se identificar nela temas teológicos e preocupações de natureza espiritual; a música popular como via de acesso à espiritualidade do povo brasileiro.

8) Ciências Sociais – Cultura – 1º/03/2009

Título: *Recomposições identitárias na integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica do Brasil*

Autora: Andrea Gomes Santiago Tomita

Assunto: a integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica Mundial, no Brasil; recomposições identitárias; compreensão da adoção da nomenclatura “messiânica” e as várias dimensões da experiência religiosa brasileira: ecológica, inter-religiosa, artística e messiânica (no sentido estrito do termo).

9) Ciências Sociais – Política – 1º/10/2001

Título: *O direito de resistir ao Estado no pensamento de João Calvino*

Autor: Armando Araújo Silvestre

Assunto: as grandes mudanças ocorridas na política europeia a partir da Reforma Protestante do século XVI.

10) Ciências Sociais – Política – 1º/02/2006

Título: *O espectro do vermelho: uma leitura teológica do socialismo no Partido dos Trabalhadores a partir de Paul Tillich e de Enrique Dussel*

Autor: Jorge Pinheiro dos Santos

Assunto: a importância do pensamento cristão na formação e desenvolvimento do Partido dos Trabalhadores; a religião infraestrutural e o fator religioso no processo revolucionário latino-americano; a importância da Teologia no debate sobre o socialismo do PT; a importância dos diálogos interdisciplinares nos estudos sobre Cristianismo e política no Brasil; a importância da abordagem comparativa representada pela presença da Teologia na discussão da política e do Socialismo.

11) Ciências Sociais – Sociologia – 1º/12/1999

Título: *Pautas para uma Sociologia da transmissão religiosa. Da transmissão da tradição à transmissão por emoção nas religiões pentecostais na América Latina*

Autor: Dario Paulo Barrera Rivera

Assunto: a transmissão religiosa no seu sentido sociológico; análise comparativa do culto clássico protestante com as expressões das religiões pentecostais



contemporâneas; o surgimento do novo sujeito religioso, itinerante e carente de identidades duradouras.

12) Ciências Sociais – Sociologia – 1º/12/2002

Título: *A reelaboração da fé para 'ocupar, resistir e produzir'. O papel da religião no cotidiano do acampamento e do assentamento do MSR em Iaras, SP.*

Autor: Hélio Sales Rios

Assunto: o papel da religião no assentamento Zumbi dos Palmares e do Acampamento Nova Canudos; a resistência dos acampados contra as dificuldades decorrentes dos fatores econômicos, conflitos interpessoais, ideológicos, religiosos e políticos.

13) Ciências Sociais – Sociologia – 1º/02/2004

Título: *Consolidação ou mudança? Uma análise feminista da Pastoral da Criança*

Autora: Cristina Aparecida Brohiani

Assunto: o potencial da transformação social da organização não-governamental ligada à CNBB; o espaço religioso subjacente à organização, em decorrência da influência das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e do MRCC (Movimento de Renovação Carismática Católica).

14) Comunicação – 1º/02/1999

Título: *Cinema e Religião: um estudo sobre o Ser Humano e o Divino no filme "A Última Tentação de Cristo"*

Autor: Eduardo Tomáz Pánik

Assunto: movimentos religiosos em relação com práticas culturais.

15) Comunicação – 1º/09/1993

Título: *Por trás das câmaras ocultas a subjetividade desvanece*

Autora: Regina Perez Christofoli Abeche

Assunto: investigar na mídia (Big Brother Brasil 2) os valores do indivíduo que busca sua identidade a partir dos signos do consumo. A religião como fenômeno constitutivo da cultura e a fé como inclusiva da subjetividade e como valor que pode ou não estar associado a um sistema religioso

16) Economia – 1º/06/1993

Título: *Economia: um assunto central e quase ausente na Teologia da Libertação – uma abordagem epistemológica*

Autor: Jung Mo Sung

Assunto: Teologia da libertação e a falta de reflexão teológica sobre a questão econômica.

17) Economia – 1º/04/2000

Título: *Axiologia, religião e secularização nos negócios: uma análise da competitividade em Pequenas e Médias Empresas brasileiras*

Autor: João Baptista Brandão

Assunto: valores nos quais se sustenta o comportamento organizacional competitivo; relação com a ética puritana de vida e trabalho do Capitalismo moderno; presença desses valores, mas não norteadores da ação empresarial; dicotomia entre as esferas de trabalho e as demais.

18) Economia – 1º/10/2004

Título: *O dinheiro e o sagrado: uma leitura das interfaces de fenômenos culturais, religiosos e econômicos e de seus reflexos existenciais à luz das Ciências Sociais e da Psicologia Analítica.*

Autor: Waldemar Magaldi Filho

Assunto: uso e influência do dinheiro quanto às questões existenciais, no contexto capitalista. Ligadas ao trinômio saúde, amor e espiritualidade; o campo religioso invadido pela lógica monetária, impondo atitude nas práticas e ritos religiosos; dinheiro como caminho de cura e salvação.

## 19) Educação – 1º/08/2003

Título: *Prática pedagógica e metodológica de ensino nas disciplinas de formação humana nas universidades confessionais. A Universidade Católica de Brasília – Um estudo de caso*

Autor: Vicente Paulo Alves

Assunto: as percepções de estudantes das disciplinas de Ciência da Religião e Antropologia da Religião; a pedagogia e a metodologia do processo ensino-aprendizagem para essas disciplinas; a importância da liberdade e do diálogo.

## 20) Educação – 1º/12/2006

Título: *Ensino Superior e confessionalidade: uma análise da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da disciplina Ética e Cidadania, com base na teoria da construção da personalidade moral de Josep Maria Puig*

Autora: Ines Augusto Borges

Assunto: articulação entre diferentes campos do saber, entre os quais Psicologia, Educação, Religião, Ética e Moral, visando à formação humana numa dimensão cidadã, que enfatiza a responsabilidade e o compromisso social, no contexto de um mundo cada vez mais secularizado.

## 21) Educação Física – 1º/05/1998

Título: *A relação entre Religião e Educação Física na ACM de São Paulo*

Autor: Ary de Camargo Segui

Assunto: a Associação Cristã de Moços, criada como prestadora de serviços no campo religioso, tornou-se agência internacional de Educação Física e Esportes; após o processo de criação, de origem carismática, com a rotinização, burocratizou-se.

## 22) Filosofia – Epistemologia – 1º/09/2000

Título – *Ciência da Religião: contribuição à sua definição, delimitação e autonomia*

Autor: Afrânio Patrocínio de Andrade

Assunto: uma ciência com estatuto epistemológico próprio, capaz de dar conta do estudo da religião, ainda que valendo-se, para tanto, das outras Ciências Humanas como auxiliares neste labor. A religião como atividade social e a ciência que a estuda, como ciência social.

23) Filosofia – Epistemologia – 1º/02/2003

Título: *Ordem e caos numa sociedade dessacralizada: numa visão transdisciplinar*

Autora: Ercilia Simone Dalvio Magaldi

Assunto: tempo de mudança de paradigmas ditados pela nova Física; tempo de integração de conhecimento, buscando a interdependência entre todas as disciplinas; proposta de integração desses novos conhecimentos às Ciências da Religião.

24) Filosofia – Epistemologia – 1º/06/2003

Título: *A(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) no alvorecer de um novo paradigma*

Autor: Marcio Zacarias Lara

Assunto: busca de fundamentação de um novo modelo epistemológico, capaz de integrar os pontos de vista divergentes sobre o tratamento científico do fenômeno religioso.

25) História – 1º/10/2004

Título: *Em nome da ordem. O papel dos agentes da religião católica institucionalizada durante o movimento e Guerra do Contestado entre 1912 e 1916*

Autor: Antonio Boeing

Assunto: movimento classificado como messiânico-milenarista; o contexto sócio-econômico-político e religioso que criou condições para o movimento emergir; a formação do Catolicismo rústico popular brasileiro e suas expressões na região do Contestado; o papel dos frades franciscanos, suas concepções e práticas na tentativa de enquadrar a religião cabocla dentro dos princípios da reforma.

26) Letras – Literatura – 1º/08/2005

Título: *Cristologia angelomórfica de Hebreus – Estudo sócio retórico e História das Religiões comparadas em Hebreus 1.1-14; 2.5-18; 7.1-10*

Autor: José Roberto Correa Cardoso

Assunto: apresenta Jesus Cristo em termos honrosos, conforme o meio ambiente cultural típico do mundo mediterrâneo do século I d.C.

27) Letras – Literatura – 1º/03/2007

Título: *A mulher sábia e a sabedoria da mulher – símbolos de co-inspiração. Um estudo sobre a mulher em textos de Provérbios*

Autora: Mercedes Lopes

Assunto: a sabedoria da mulher inspirada na vida real, que participa da reconstrução da história e das relações do povo de Judá no período pós-exílico; a grande mudança na visão da mulher, originada no tempo do Cativo, quando a casa passou a ter as funções de prover a subsistência e de transmitir as tradições religiosas, gerando relações de inclusão e de solidariedade.

28) Letras – Literatura – 1º/02/2008

Título: *A plausibilidade da interpretação da Religião pela Literatura. Uma proposta fundamentada em Paul Ricoeur e Mikhail Bakhtin exemplificada com José Saramago*

Autor: Reginaldo José dos Santos Júnior

Assunto: a literatura e o conhecimento da realidade; a literatura como intérprete da religião; sua capacidade de revelar traços específicos do fenômeno religioso de modo diferente da Filosofia e das demais ciências; questão epistemológica como preocupação de fundo.

## 29) Sociologia da Religião – Esportes – 1º/09/2004

Título: *Religião e esporte: os atletas religiosos e a religião dos atletas – um estudo das transformações da relação entre o sub-campo protestante brasileiro e o esporte*

Autor: Reinaldo Olecio Aguiar

Assunto: a gradual aceitação do esporte em geral e do futebol em particular, nos meios protestantes brasileiros, como consequência do aprofundamento do processo de secularização ocorrido no século XX; a dessacralização do tempo (domingo) demonstrando uma transformação da cosmovisão protestante.

## 30) Sociologia da Religião – Música – Hinologia – 1º/10/2004

Título: *Sarah Poulton Kalley. Professora, missionária e poetiza*

Autor: Douglas Nassif Cardoso

Assunto: a hinologia que marcou por um século a teologia do Protestantismo no Brasil; a inserção do Protestantismo no Brasil em um contexto específico de imigrantes huguenotes, puritanos, luddistas, famílias não-conformistas inglesas, líderes políticos e eclesiásticos, exilados madeirenses, brasileiros, portugueses, alemães; a mulher protestante brasileira; a divulgação, por Sarah Kalley, da cosmovisão da cultura anglo-saxã protestante, adaptada seletivamente ao universo cultural e social de seus interlocutores.

### 3.3 REFLEXÕES SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NA PESQUISA ACADÊMICA

Os critérios de leitura reflexiva dos dados da pesquisa são: articulações interdisciplinares; relação de temas abordados; teses com pesquisa de campo associada; comparação do quadro disciplinar das teses da CAPES, com o quadro das disciplinas integradas nas teses da UMESP.

Esses critérios foram adotados à luz dos *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*: sobre o conceito de Interdisciplinaridade, organizado por Héctor Ricardo Leis [ISSN 1676-7730 n° 73, Florianópolis, agosto de 2005]. Os artigos e

respectivos autores são: (1) *A Interdisciplinaridade Nos Estudos de Gênero: análise das teses do doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC*. Autores: Felipe Bruno Martins Fernandes e Paula Pinhal de Carlos. (2) *A Interdisciplinaridade como uma forma de entender a condição humana na modernidade: análise das teses do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC*. Autores: Fernando Arteche Hamilton, Paulo Poli e Rosa Maria Blanca.

Relembrando elementos teóricos que embasam as reflexões a seguir, temos que, em um mapa das ciências não hierarquizado, com estrutura de sistema em rede, em múltiplas interações interdisciplinares, assoma a relevância da capacidade contributivo-tributária de cada disciplina. A esse respeito, como já se viu, as Ciências da Religião têm um grande campo de possíveis interações interdisciplinares, cuja ocorrência é revelada por algumas leituras dos dados coletados na pesquisa.

Tabela 02

Confluências interdisciplinares entre as teses do banco de dados da CAPES (a partir de ótica externa) e as da UMESP (a partir de ótica interna)

CAPES	UMESP
Ciências sociais	Ciências Sociais: Antropologia, Cultura, Política, Sociologia
Comunicação: Artes, Música	Comunicação: Música
	Economia
Direito	
Educação	Educação
Educação Física	Educação Física
Engenharia de Produção	
	Epistemologia
	Esporte
Filosofia	
Geografia	
História	História
Letras, Literatura	Literatura
Saúde: Psicologia	Saúde

Desde a consolidação da identidade disciplinar das Ciências da Religião, essas interações foram crescendo em relevância e corpo, até que se consolidou o campo disciplinar das Ciências da Religião, com a especificação da Sociologia da Religião, Antropologia da Religião, Psicologia da Religião e História da Religião; há outras disciplinas “na fila”, tal como a Geografia, a Estética e a Economia da Religião.

Nesse novo ambiente epistemológico, o conflito entre as Ciências Exatas/da Natureza e as Ciências Humanas vem potencial e efetivamente sendo substituído por uma ação cooperativa, que dá lugar à natureza e características interdisciplinares das Ciências Humanas, não hierarquizadas e não sujeitas aos rígidos paradigmas cientificistas para atestar sua cientificidade.

Essa cientificidade emerge do pleno exercício das capacidades teórico-analítica e contributivo-tributária de cada disciplina. Como se verá a partir dos dados lidos na pesquisa, as Ciências da Religião estão solidamente inseridas nessa articulação e cooperação no mapa das ciências. Contribui e muito, para tanto, a já repetidamente citada multiplicidade temática de seu objeto. Uma leitura dos dados apurados nas teses pesquisadas trabalha esse dado.

Tabela 03  
Relação de temas das teses da UMESP

	Temas	Tese nº-
01	Trânsito religioso / epilepsia	01
02	Função terapêutica da religião / RCC	02
03	Alcoólicos Anônimos	03
04	Religiosidade popular / Resistência cultural	04
05	Etnicidade / imigração	05
06	O ser humano em Machado de Assis	06
07	MPB	07
08	Igreja Messiânica Mundial	08
09	Política Europeia – Reforma Protestante	09
10	Partido dos Trabalhadores – PT	10
11	Transmissão religiosa	11
12	Assentamento do MST – Movimento dos Sem-Terra	12
13	Pastoral da criança / CEB [Comunidades Eclesiais de Base] / MRCC [Movimento de Renovação Carismática Católica]	13
14	Práticas culturais	14
15	BBB2 [Big Brother Brasil 2] / consumismo	15
16	Teologia da libertação	16
17	Comportamento organizacional	17
18	Contexto capitalista	18
19	Processo ensino-aprendizagem	19
20	Articulação disciplinar	20
21	Associação Cristã de Moços – ACM	21
22	Religião como atividade social	22
23	Mudança paradigmática	23
24	Tratamento científico do fenômeno religioso	24
25	A guerra do Contestado	25
26	Meio ambiente cultural do mundo mediterrâneo	26
27	Transmissão de tradições / visão social do papel da mulher	27
28	Função religiosa da literatura	28
29	Futebol	29
30	Hinologia / funções teológicas	30

Obs.: o número à esquerda indica a posição da tese na relação das 30 elencadas a partir do banco de dados da UMESP.



Nessa abordagem, emerge uma concepção paradigmática adequada à natureza interdisciplinar das Ciências Humanas, dentre as quais, as Ciências da Religião. A dinâmica da articulação entre as disciplinas presta-se à fecundação recíproca, mediante o exercício das capacidades teórico-analítica e contributivo-tributária de cada disciplina, nessa mesma dinâmica. Essas relações entre disciplinas também são objeto de leitura dos dados da pesquisa.

Cabe lembrar que a capacidade teórico-analítica focaliza o estudo do núcleo do objeto especializado, enquanto a capacidade contributivo-tributária focaliza o objeto a partir de suas relações e interesses interdisciplinares. A reflexão sobre a capacidade contributivo-tributária das Ciências da Religião é o tema de interesse aqui, pois é nela em que se fundamenta a articulação das disciplinas, na estrutura sistêmica em rede do mapa das ciências proposto pela Teoria da Interdisciplinaridade.

Tabela 04

## Teses da UMESP com articulações interdisciplinares

02	<i>Religião e Saúde: um estudo a respeito das representações do fiel carismático sobre os processos de recuperação de enfermidade nos grupos de oração da RCC [Renovação Carismática Católica] em Maringá, Paraná</i>
06	<i>Para uma poética da vitalidade: Religião e Antropologia na escritura machadiana (uma leitura de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis)</i>
07	<i>Teologia e MPB – um estudo a partir da Teologia da Cultura em Paul Tillich</i>
14	<i>Cinema e Religião: um estudo sobre o Ser Humano e o Divino no filme “A Última Tentação de Cristo”</i>
16	<i>Economia: um assunto central e quase ausente na Teologia da Libertação – Uma abordagem Epistemológica</i>
17	<i>Axiologia, religião e secularização nos negócios: uma análise da competitividade em Pequenas e Médias Empresas brasileiras</i>
18	<i>O dinheiro e o sagrado: uma leitura das interfaces de fenômenos culturais, religiosos e econômicos e de seus reflexos existenciais à luz das Ciências Sociais e da Psicologia Analítica</i>
19	<i>Prática pedagógica e metodológica de ensino nas disciplinas de formação humana nas universidades confessionais. A Universidade Católica de Brasília – Um estudo de caso</i>
20	<i>Ensino Superior e confessionalidade: uma análise da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da disciplina Ética e Cidadania, com base na teoria da construção da personalidade moral de Josep Maria Puig</i>
21	<i>A relação entre Religião e Educação Física na ACM de São Paulo</i>
28	<i>A plausibilidade da interpretação da Religião pela Literatura. Uma proposta fundamentada em Paul Ricoeur e Mikhail Bakhtin exemplificada com José Saramago</i>
29	<i>Religião e esporte: os atletas religiosos e a religião dos atletas – um estudo das transformações da relação entre o sub-campo protestante brasileiro e o esporte</i>

Tabela 05

Teses da UMESP articulação de metodologias de pesquisa - pesquisa de campo

01	<i>Religião e epilepsia: a visão interpretativa religiosa das mães das crianças com epilepsia</i>
02	<i>Religião e Saúde: um estudo a respeito das representações do fiel carismático sobre os processos de recuperação de enfermidade nos grupos de oração da RCC em Maringá, Paraná</i>
12	<i>A reelaboração da fé para 'ocupar, resistir e produzir'. O papel da religião no cotidiano do acampamento e do assentamento do MSR em Iaras, SP</i>
13	<i>Consolidação ou mudança? Uma análise feminista da Pastoral da Criança</i>
17	<i>Axiologia, religião e secularização nos negócios: uma análise da competitividade em Pequenas e Médias Empresas brasileiras</i>
19	<i>Prática pedagógica e metodológica de ensino nas disciplinas de formação humana nas universidades confessionais. A Universidade Católica de Brasília – Um estudo de caso</i>
20	<i>Ensino Superior e confessionalidade: uma análise da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da disciplina Ética e Cidadania, com base na teoria da construção da personalidade moral de Josep Maria Puig</i>
29	<i>Religião e esporte: os atletas religiosos e a religião dos atletas – um estudo das transformações da relação entre o sub-campo protestante brasileiro e o esporte</i>

Um último dado para reflexão, último mas não menos importante, é o das tendências de articulações interdisciplinares, informação que se obtém pela ocorrência de teses por linhas de pesquisa. Das 30 teses pesquisadas, 25 informaram, no relatório da CAPES, as respectivas linhas.

Tabela 06

Teses por linhas de pesquisa

Linhas de pesquisa	
Sociologia das instituições e dos movimentos religiosos	12
Teologia e Cultura	6
Interfaces da práxis religiosa	3
História e narrativa da experiência religiosa na América Latina	2
Estudos histórico-literários do mundo bíblico	1
Espiritualidade e misticismo	1
TOTAL	25

Como se verifica, a grande incidência ocorre no conjunto de linhas de pesquisa de abordagem sócio-antropológica, ou seja, as 3 primeiras, com um total de 21 teses.

Quando se faz um corte temporal nos dados, verifica-se que se mantém a predominância de abordagem sócio-antropológica.

Tabela 07

Teses por linhas de pesquisa a partir de 2003 até 2009

Linhas de pesquisa	
Sociologia das instituições e dos movimentos religiosos	6
Teologia e Cultura	4
Interfaces da práxis religiosa	3
Estudos histórico-literários do mundo bíblico	2
História e narrativa da experiência religiosa na América Latina	1
TOTAL	16

Vale a pena acrescentar o seguinte dado. Do total de teses da UMESP (49), relatadas na CAPES, de 1993 a 2009, 46 informaram suas linhas de pesquisa. Desse total, 35 são das abordagens sócio-antropológicas. Fazendo o mesmo corte temporal de 2003 a 2009, o resultado, do total de 29 teses, é que 24 são das linhas de abordagens sócio-antropológicas. Ou seja, qualquer que seja ótica, a predominância interdisciplinar é sempre sócio-antropológica, confirmando-se no período de 2003 a 2009. Não se escapa da predominância da funcionalidade social.

Portanto, as discussões paradigmáticas, de cientificidade das Ciências da Religião, precisam considerar esse incontornável novo panorama de estatuto epistemológico. O fato é que ele está mais do que presente nas pesquisas. É preciso que a teoria também se manifeste com firmeza e segurança, frente a tal contexto teórico e acadêmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cientificidade das Ciências da Religião vem sendo debatida por teóricos de envergadura: o assunto não é novidade. O mesmo se pode dizer a respeito da interdisciplinaridade como ferramenta de articulações entre disciplinas que se põem a trabalhar em conjunto com vistas a um campo mais amplo de produção de conhecimento científico. A teoria dos sistemas complexos completa esse conjunto de desenvolvimentos teórico-práticos, trazendo à luz uma nova estrutura do mapa das ciências.

Interessante observar que, por um lado, os debates teóricos a respeito da íntima composição entre interdisciplinaridade e complexidade, são essencialmente relevantes para as áreas de conhecimento das Ciências Humanas, que lutam, nas palavras de Antonio Gouvea de Mendonça (MENDONÇA, 2003, p.20), contra a “neurose metodológica” do domínio dos paradigmas da cientificidade e da especialização; até porque essas áreas não se adequam a experimentação laboratorial. Por outro lado, entretanto, essa movimentação interdisciplinar, que teve início a partir das salas de aula, migrou justamente para o campo das Ciências Exatas e da Natureza; geraram-se novos campos de conhecimento, com disciplinas como Engenharia Genética e Biotecnologia.

As Ciências da Religião vêm ao encontro desse novo panorama epistemológico, em discussões teóricas e de prática acadêmica; como indicou esta pesquisa, as Ciências da Religião, em âmbito de pesquisas (prática acadêmica) trabalham muito em interações interdisciplinares; discutem pouco o mérito da questão da cientificidade e passam longe de qualquer reflexão sobre complexidade.

Esta pesquisa, portanto, longe de ser exaustiva e conclusiva, pretende que se reflita sobre a cientificidade das Ciências da Religião à luz desse contexto epistemológico de interdisciplinaridade e complexidade. Essa articulação entre interdisciplinaridade, complexidade, sistema em rede e nova abordagem epistemológica, como contexto para reflexão sobre a posição e situação das Ciências da Religião no mapa das ciências. O atendimento desse foco específico não foi localizado no conjunto de teses pesquisadas. Entretanto, como as pesquisas nos bancos e teses foram feitas por amostragem, não se pode afirmar que haja aí uma lacuna.

Diante disso, é bom coletar as principais conclusões a que se chegou, para compor o quadro de reflexões.

O histórico das origens das Ciências da Religião documenta a recepção institucional da mesma como disciplina autônoma. Pode-se discutir a matéria, mas não negá-la, pois essa institucionalização é um fato. Os debates a esse respeito não alteram o *status* institucional da disciplina.

Acresce o fato de que, estabelecida como disciplina, passou a pesquisar tanto a essência quanto os elementos históricos do fato religioso. Isso abriu campos de grandes confluências de pesquisa; estes, deram origem às subdisciplinas das Ciências da Religião, sabidamente já consolidadas em História, Sociologia, Antropologia e Psicologia da Religião. E o processo é dinâmico; outras subdisciplinas estão a caminho, tais como Geografia e Economia da Religião.

O campo disciplinar é propício às relações interdisciplinares. Ele tanto agrega as zonas de maior confluência em novas subdisciplinas, como provê base para a dinâmica das demais pesquisas interdisciplinares. Esse fato decorre da ampla interação temática e alta concentração de saberes a que as Ciências da Religião dão aporte, segundo Usarski, apresentando-se como ponto de intersecção de subdisciplinas e matérias auxiliares (USARSKI, 2006, p.12, 15).

Essa pluralidade interna aponta a multidimensionalidade e complexidade do objeto “religião” no campo disciplinar que o acolhe. As interações metodológicas, entre Religião e História, e funcionais, entre Religião e Sociedade, são exemplos da potencialidade das pesquisas das Ciências da Religião, interagindo da mesma forma com tantas outras áreas de conhecimento, o que é facilmente detectável pelos resultados das pesquisas nos bancos de teses.

Outro aspecto a destacar é o fato de que a ruptura com o cientificismo positivista, alterando as relações paradigmáticas de objeto e método, abriu horizontes para que se visualize a relevância do mecanismo de interações disciplinares e visão de conjunto da ciência, que as Ciências da Religião propiciam.

Relevante também a contextualização das Ciências da Religião, em um momento de revitalização religiosa que vem em busca da compreensão do fenômeno religioso, fazendo do conceito de cosmovisão um elemento de interesse nuclear. E a

metodologia não se faz por esperar: a fenomenologia de estilo novo trabalha justamente com a pesquisa de cosmovisões, mas não se impõe como metodologia única exclusiva.

Essa visão plurimetodológica tem berço na estrutura em rede, do mapa das ciências pensado à luz da Teoria dos Sistemas Complexos, aplicada às Ciências Humanas. Nessa estrutura, em que os sistemas “não são inteligíveis mediante investigação de suas partes isoladamente”, segundo Bertalanffy (2008, *passim*), as relações de objeto e método são consideravelmente alteradas, visto que tais investigações partem de multiplicidade temática e exigem pluralidade metodológica. O mapa das ciências, assim concebido, mostra relações sistêmicas não hierarquizadas, em que as Ciências da Religião surgem integradas na dinâmica das operações teórico-analíticas e tributário-contributivas.

Ou seja, a alegada falta de objeto especializado e método próprio, das Ciências da Religião, toma outra feição quando vista nesse novo panorama epistemológico de relações interdisciplinares: o objeto tanto é abordado a partir de seu núcleo essencial (fenômeno religioso em si mesmo), quanto a partir de sua potencialidade interdisciplinar (funções do fato religioso); a composição metodológica varia conforme as necessidades de cada pesquisa. Trata-se de cooperação e integração.

Por fim, a relação sujeito–objeto também se altera. O sujeito que está familiarizado com o objeto da pesquisa tem maiores condições de pesquisá-lo e analisá-lo; o que se exige dele é objetividade (e não neutralidade) em relação ao objeto; associam-se os benefícios de sua familiaridade com o assunto, à adoção de critérios objetivos de prospecção e análise de dados.

Feita toda essa abordagem teórica, apurou-se o que, em termos de relações interdisciplinares das Ciências da Religião, está presente nas pesquisas acadêmicas. Centrando foco nas teses da UMESP, há pelo menos dois resultados a exigir reflexão:

- 1º) há grandes confluências e articulações interdisciplinares e metodológicas entre as Ciências da Religião e as demais disciplinas, o que se verifica na comparação entre os dados apurados nas teses da CAPES e UMESP, como também a partir das relações temáticas das teses da UMESP; ou seja, a prática acadêmica é de relações interdisciplinares;

2º) há predominante incidência da abordagem sócio-antropológica nas teses da UMESP, com baixa incidência de discussões epistemológicas (3 em 30 teses), o que vale dizer, primeiro, que há diversas áreas de potenciais pesquisas interdisciplinares a serem exploradas; segundo, que é de todo necessário trazer essas discussões epistemológicas para o âmbito das pesquisas acadêmicas, a fim de manter atualizados esses debates, com todo o proveito que daí decorrerá.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANI, Maurilio. *História das Religiões*. Tradução de João Gama. Título original: *Storia delle Religione*. Lisboa: Edições 70, 1988. Coleção *Perspectivas do Homem*: as culturas das sociedades.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto. *Distinções no Campo de Estudos da Religião e da História*. In GUERREIRO, Silas (org.). *O Estudo das Religiões*: desafios contemporâneos. Coleção *Estudos da ABHR*. São Paulo: ABHR e PAULINAS, 2003.

BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BLACKHAM, H. J. *A Religião numa Sociedade Moderna*. Tradução de Rodolfo Konder. Série *Ecumenismo e Humanismo*, v.7. Título original: *Religion in a Modern Society*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções*. Coleção *Repensando a Religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.

DELATTRE, Pierre. *Teoria dos Sistemas e Epistemologia*. In *Cadernos de Filosofia 2*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Carlos, Paula Pinhal de. *A Interdisciplinaridade nos Estudos de Gênero*: análise das teses do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. In *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*: Florianópolis: UFSC, 2009, v.10, nº 97. Disponível em [www.periódicos.ufsc.br](http://www.periódicos.ufsc.br). Acesso em 08/11/2010.

FILORAMO, Giovanni. PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. Tradução de José Maria de Almeida. Título original: *Le scienze delle religioni*. São Paulo: Paulus, 1999.

FIRTH, Raymond. *Elementos de Organização Social*. Tradução de Dora Flaksman e Sérgio Flaksman. Título original: *Elements of Social Organization*. Coleção *Biblioteca de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

GONTIJO, Staël. *Marília de Dirceu: A musa, a Inconfidência e a vida privada em Ouro Preto no século XVIII*. Belo Horizonte: Gutenberg, 2012.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O Que é Ciência da Religião?* Coleção *Repensando a Religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.

HAMILTON, Fernando Arteché. POLI, Paulo. BLANCA, Rosa Maria. *A Interdisciplinaridade como uma forma de entender a condição humana na modernidade*: análise das teses do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. In *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. Florianópolis: UFSC, 2009, v. 10, nº 97. Disponível em [www.periódicos.ufsc.br](http://www.periódicos.ufsc.br). Acesso em 08/11/2010.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. Tradução de Monika Ottermann. Título original: *Einführung in die Religionswissenschaft*. São Paulo: Loyola, 2010.



- JAPIASSU, Hilton. *O Mito da Neutralidade Científica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- . *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KEESING, Felix. *Antropologia Cultural*. Coleção Biblioteca Fundo Universal de Cultura – Estante de Sociologia. Tradução de José Veiga (v.1) e Waltensir Dutra (v.2). Título original: Cultural Anthropology. 2ª ed. brasileira. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972, v. 2.
- KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LEIS, Héctor Ricardo. (org.). *Sobre o Conceito de Interdisciplinaridade*. In *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas: Introdução*. ISSN 1678-7730, nº 73. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em [www.periódicos.ufsc.br](http://www.periódicos.ufsc.br). Acesso em 08/11/2010.
- MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Método de Pesquisa em Ciências da Religião: revisando paradigmas*. In *Estudos de Religião 13. Revisando Paradigmas*. São Bernardo do Campo: UESP, 1997, ano XI, nº 13.
- MAGNANI, José Guilherme. *Religião e MetrÓpole*. In MAFRA, Clara. ALMEIDA, Ronaldo de. (orgs.) *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. Coleção *Antropologia Hoje*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- MARCONI, Marina de Andrade. PRESOTTO, Zelia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. 7ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. Tradução de Euclides Martins Balancin. Título original: *La Religione nella Società Post-Moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MENDONÇA, Antonio Gouvea. *Ciências da Religião: de que mesmo estamos falando?* In *Ciências da Religião – História e Sociedade*. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. 1ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Thomson Pioneira, 2004.
- PAVIANI, Jayme. *Epistemologia Prática*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.
- PIAZZA, Waldomiro O. *Introdução à Fenomenologia Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- ROSA, Merval. *Psicologia da Religião*. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- SÁ, Olga de. *A Análise das Diferentes Dimensões da Religião*. In *O Estudo das Religiões – Desafios Contemporâneos*. Org. Silas Guerreiro. São Paulo: Paulinas e ABNR, 2003,
- SERRANO, Alan Índio. *Interdisciplinaridade como Integração do Conhecimento: o Pensamento de William Kapp*. In *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas: Introdução*. ISSN 1678-7730, nº 73. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em [www.periódicos.ufsc.br](http://www.periódicos.ufsc.br). Acesso em 08/11/2010.
- SOARES, Afonso Maria Ligório. Prefácio. In CAMURÇA, Marcelo. *Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções*. Coleção *Repensando a Religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.

STELLA, Jorge Bertolaso. *Introdução à História das Religiões*. São Paulo: Metodista, 1970.

TEIXEIRA, Faustino. *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: Afirmação de uma área acadêmica*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. Coleção *Repensando a Religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.

——— *A Geografia da Religião*. In Usarski, Frank (org.). *O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento*. 31ª ed. São Paulo: Globo, 1995, v.1.